



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
Instituto de Ciências Humanas – IH  
Departamento de História – HIS

“NOSSA BANDEIRA JAMAIS SERÁ VERMELHA!”: ANTICOMUNISMO E  
ANTIPETISMO NO DECORRER DOS GOLPES DE 1964 E 2016

Blandu Correia Martins da Silva

Brasília – DF

2022

BLANDU CORREIA MARTINS DA SILVA

“NOSSA BANDEIRA JAMAIS SERÁ VERMELHA!”: ANTICOMUNISMO E  
ANTIPETISMO NO DECORRER DOS GOLPES DE 1964 E 2016

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
ao Departamento de História do Instituto de  
Ciências Humanas da Universidade de  
Brasília para obtenção do grau de  
Licenciado/Bacharel em História.

Orientador: Prof. Dr. Mateus Gamba Torres

Brasília – DF

2022

## AGRADECIMENTOS

Finalizar um trabalho de tão grande importância desperta sentimentos mistos em mim. A felicidade é presente, claro. Mas a saudade parece se apresentar na mesma proporção, confundindo-se, até certo ponto, com uma dose de tristeza. Uma tristeza momentânea, uma suposta tristeza, não real, que se traduz pela nostalgia, pois percebo que não estou apenas concluindo esta pesquisa, mas um ciclo.

Enquanto escrevo este trecho, o rosto de diversas pessoas que passaram pela minha vida durante minha experiência universitária transitam pelas minhas memórias. A pergunta: “quem devo mencionar?”, de certo modo, me aflige. Complementando-a, um conceito que me foi apresentado através das disciplinas de museologia que cursei em meados de 2019, acerca das peças que são expostas em museus (claro, estando aqui bastante simplificado), é o de que quando você escolhe o que vai ser exposto ou não, você está escolhendo aquilo que vai ser lembrado e aquilo que vai ser esquecido. Conceito este que, neste momento, adaptando à ocasião, parece se adequar.

Percebo, porém, que pensar assim talvez seja um exagero. Afinal, considerando as incontáveis relações que tive durante meus anos de estudos, e que me moldaram como pessoa, e levando em conta a falibilidade da memória, entendo que é necessário haver, sempre, o equilíbrio, a razoabilidade em tais situações. Posto isto, aos amigos e familiares que deixaram de ter seus nomes propriamente mencionados aqui, deixo um forte abraço, pois tenho certeza que qualquer interação que tenhamos tido foi sim construtiva e edificante para ambos.

Dando início aos reconhecimentos, em primeiro lugar, agradeço à minha família: Solange, Adinilson, Luca, Nicolas e Enzo, que, citando uma frase de um trabalho do meu próprio pai, uma das mais bonitas que já li, “(...) confortam mais os meus dias, simplesmente por existirem”.

Dedico este trabalho ao meu avô, Benedito Pedro da Silva, que faleceu este ano. “Bené”, como era conhecido, não falava sobre política. Mas isso não quer dizer que ele não era um ser político. Isso não existe. Viver, por si só, é um ato político. E ele, assim como tantos outros brasileiros, de origem humilde, vindo do nordeste, numa longa jornada que o direcionou à Brasília, quando a cidade ainda se encontrava nos primeiros anos de vida, comprova isso. Um beijo, vô! Suas histórias também me inspiraram a contar história.

Agradeço, e dedico este trabalho, à minha classe profissional. Às professoras e professores de todas as partes, especialmente aos historiadores, que fizeram da história uma

das minhas grandes paixões desde a infância. Conforme Paulo Freire, quando afirmou que “Educar é um ato político!” e, indo além, quando disse que “(...) nunca poderia pensar em educação sem amor (...)”, percebe-se que ser professor é mais do que somente ensinar, é despertar no próximo a vontade de aprender. Ser professor é uma troca de conhecimentos, onde se inspira sonhos, novos aprendizados e mostra que há sempre a possibilidade de trilhar novos caminhos.

Agradeço ao meu orientador, Mateus Gamba Torres. Se finalizei este trabalho, é porque em momentos de dificuldade e descrença, ele me aconselhou e direcionou.

Agradeço ao meu melhor amigo, meu irmão, Daniel Pacheco. Escrever um trabalho tão pessoal, em meio a uma pandemia, tendo tantas outras preocupações, não foi fácil. Se fui capaz de concluí-lo, foi por conta do apoio de amizades tão significativas quanto a dele, que me confortou em momentos de incerteza.

Por fim, agradeço à Universidade de Brasília, que me propiciou momentos inesquecíveis e fez parte daquele que considero ter sido o melhor período da minha vida, principalmente por ter me apresentado amigos que carregarei para o resto dela: Enize, André, Milena e Matheus, também maravilhosos historiadores.

## RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo comparar o discurso antipetista, empregado no decorrer do golpe jurídico-midiático-parlamentar consumado em 2016, que levou a deposição da ex-presidenta Dilma Vana Rousseff de seu cargo, ao discurso anticomunista praticado em outro período da história política nacional, também responsável pela execução de um golpe, mas, neste caso, de cunho civil-militar: o afastamento compulsório de João Goulart da presidência em 1964. Ambas deposições foram precedidas por manifestações populares que compartilharam de discursos semelhantes, discursos estes que resultaram na queda de ambos presidentes. Por meio da análise de periódicos do jornal *O Globo*, publicados em 1964; através da observação e comparação dos discursos exercidos no decorrer dos movimentos ocorridos em 19 de março de 1964, nomeado *Marcha da Família com Deus pela Liberdade*, que pedia a saída de Goulart da presidência, e 13 de março de 2016, que exigia o afastamento de Rousseff; mediante a interpretação de artigos escritos durante o desenrolar das manifestações em prol do impeachment de Dilma por Rodrigo Constantino para o mesmo jornal citado, *O Globo*, e para a plataforma *Instituto Millenium*, entidade da qual Constantino é membro-fundador; valendo-se de suportes historiográficos e estando em diálogo com trabalhos acadêmicos; a seguinte pesquisa busca compreender se o discurso antipetista atual pode ser considerado uma readaptação da ideologia anticomunista tradicional presente desde o início do século passado.

## PALAVRAS-CHAVE

Anticomunismo; Antipetismo; Ditadura Militar; Golpe; Dilma Rousseff

## ABSTRACT

The present work aims to compare the anti-PT discourse, used during the legal-media-parliamentary coup consummated in 2016, which led to the deposition of former president Dilma Vana Rousseff from her position, to the anticommunist discourse practiced in another period of the Brazilian's political national history, also responsible for the execution of a coup, but, in this case, of a civil-military nature: the compulsory removal of João Goulart from the presidency in 1964. Both depositions were preceded by popular demonstrations that shared similar speeches, speeches that resulted in the fall of both presidents. Through the analysis of periodicals from the newspaper *O Globo*, published in 1964; through the observation and comparison of the speeches carried out during the movements that took place on March 19, 1964, named *Marcha da Família com Deus pela Liberdade*, which called for the departure of Goulart from the presidency, and March 13, 2016, which demanded the removal of Rousseff; through the interpretation of articles written during the protests in favor of Dilma's impeachment by Rodrigo Constantino for the same newspaper cited, *O Globo*, and for the platform *Instituto Millenium*, an entity of which Constantino is a founding member; using historiographical supports and being in dialogue with academic works; the following research seeks to understand whether the current anti-PT discourse can be considered a readaptation of the traditional anticommunist ideology present since the beginning of the last century.

## KEYWORDS

Anticommunism; Anti-PT; Military Dictatorship; Coup; Dilma Rousseff

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>8</b>
<b>CAPÍTULO I - ANTICOMUNISMO</b>	<b>18</b>
1.1 - A MARCHA DE 1964	21
<b>CAPÍTULO II - ANTIPETISMO</b>	<b>34</b>
<b>CAPÍTULO III - ANTIPETISMO, UMA READAPTAÇÃO DO ANTICOMUNISMO?</b>	<b>43</b>
3.1 - MANIFESTAÇÕES DE 13 DE MARÇO DE 2016	53
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>58</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>62</b>

## INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, a aversão exacerbada ao comunismo, isto é, o anticomunismo, voltou a ser uma figura presente no debate político brasileiro. Em novembro de 2016, uma manifestante, dentro do plenário da Câmara dos Deputados em Brasília, confunde a bandeira do Japão com o símbolo comunista: “O que está acontecendo? Essa será a nova bandeira do Brasil?”, questiona a moça, acrescentando que o Brasil terá uma “bandeira comunista”<sup>1</sup>; Em agosto de 2018, um dos candidatos presidenciais, Cabo Daciolo, pergunta a outro candidato, Ciro Gomes, o que ele teria a dizer sobre o plano de dominação comunista criado pela inexistente organização: *União das Repúblicas Socialistas da América Latina (URSAL)*<sup>2</sup>; Jair Messias Bolsonaro, em 2016, dentro da Câmara dos Deputados, ao pronunciar-se em favor do processo de impeachment da ex-presidenta Dilma Rousseff, sob a alegação de afastá-la de seu cargo para livrar o Brasil dos comunistas, além de exaltar Carlos Brilhante Ustra, torturador declarado pela justiça<sup>3</sup>, proclamou: “(...) Perderam em 1964. Perderam agora em 2016. (...) Contra o comunismo, pela nossa liberdade, contra a Folha de S.Paulo, (...) Pelo Exército de Caxias, pelas nossas Forças Armadas, (...) o meu voto é ‘sim!’”<sup>4</sup>.

Embora o Brasil nunca tenha chegado próximo da possibilidade de ter o comunismo como regime político, o discurso de que isso era iminente serviu como justificativa para notórios momentos de ruptura, entre eles, os movimentos golpistas que perduraram de 1935 à 1937 e de 1961 à 1964<sup>56</sup>. De maneira semelhante, o período que será destaque deste trabalho,

<sup>1</sup> MANIFESTANTE confunde bandeira do Japão com símbolo comunista. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/politica/manifestante-confunde-bandeira-do-japao-com-simbolo-comunista/>>. Acesso em: 20 jun. 2022.

<sup>2</sup> PEROTTI, Denise. Crítica do PT, socióloga diz que inventou Ursal em 2001 como ironia. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/08/critica-do-pt-sociologa-diz-que-inventou-ursal-em-2001-como-ironia.shtml>>. Acesso em: 20 jun. 2022.

<sup>3</sup> CORONEL Ustra é declarado torturador pela Justiça de São Paulo. Disponível em: <<https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/brasil/2008/10/09/interna-brasil.39369/coronel-ustra-e-declarado-torturador-pela-justica-de-sao-paulo.shtml>>. Acesso em: 20 jun. 2022.

<sup>4</sup> BRASIL. Congresso Nacional. Câmara dos Deputados. Brasília, 17 abr. 2016. Discurso do deputado Jair Bolsonaro. Disponível em: <<https://www.camara.leg.br/internet/SitaqWeb/TextoHTML.asp?etapa=5&nuSessao=091.2.55.O&nuQuarto=3&nuOrador=1&nuInsercao=359&dtHorarioQuarto=14:04&sgFaseSessao=OD&Data=17/04/2016&txApelido=JAIR%20BOLSONARO.%20PSC-RJ>>. Acesso em: 20 jun. 2022.

<sup>5</sup> “Nos documentos fundadores de ambos regimes ditatoriais – a Constituição de 1937 e o Ato Institucional de 1964 –, o tema aparece em destaque”. MOTTA, Rodrigo Patto Sá. O novo surto anticomunista e a democracia em risco. Disponível em: <<https://ufmg.br/comunicacao/publicacoes/boletim/edicao/2005/o-novo-surto-anticomunista-e-a-democracia-em-risco>>. Acesso em: 20 jun. 2022.

<sup>6</sup> “Estas são as duas experiências autoritárias mais duradouras da história recente do país foram originadas a partir do estabelecimento de frentes anticomunistas, reunindo elementos sociais diversos (empresários, políticos, militares, religiosos, grande imprensa etc) em torno do combate ao ‘perigo vermelho’”. (MOTTA, 2000, p. 13).



em que ocorreu o golpe jurídico-midiático-parlamentar<sup>7</sup>, no ano de 2016, experienciou discursos e manifestações similares àquelas que se utilizavam do anticomunismo como ferramenta principal para atacar adversários políticos nos períodos supracitados, mas, desta vez, estando sob uma alcunha diferente: a de antipetismo.

O surgimento dessa temática se deu a partir de questionamentos pessoais sobre o cenário político de 2016, no qual Dilma Rousseff acabou sendo afastada de seu cargo. Assim como fez Rodrigo Patto Sá Motta, em sua obra: *Em guarda contra o “perigo vermelho”: o anticomunismo no Brasil (1917-1964)*<sup>8</sup>, ao esclarecer que o anticomunismo, diferente do que diziam outras pesquisas historiográficas até então, não foi um aspecto secundário no contexto histórico dos anos de 1935 à 1937 e de 1961 à 1964, mas sim um dos “(...) principais argumentos, senão o principal, a justificar e a provocar as intervenções autoritárias mais significativas ocorridas no período republicano da história brasileira”<sup>9</sup>, este trabalho busca refletir se o discurso antipetista propagado atualmente pode ser considerado uma readaptação do discurso anticomunista utilizado em anos anteriores, e compreender se o antipetismo, bem como o anticomunismo, teria sido utilizado não como um simples acessório, mas como um instrumento significativo para a manutenção do poder.

Para compreendermos o anticomunismo, definido por Rodeghero “como um conjunto de ideias, de representações e de práticas de oposição sistemática ao comunismo”<sup>10</sup>, é preciso compreender também, de maneira breve, o conceito de comunismo como ele é assimilado atualmente e como se deu sua chegada às terras brasileiras.

Sobre sua origem, Carla Silva, em seu livro: *Onda Vermelha: imaginários anticomunistas brasileiros (1931-1934)*<sup>11</sup>, discorre acerca do assunto. Segundo ela, a origem da expressão “comunismo” é associada à República de Platão, onde ficava restrito “às classes superiores da sociedade”<sup>12</sup>. A ampliação de seu sentido só irá ocorrer a partir da influência do cristianismo primitivo que o popularizou, levando-o à toda a sociedade<sup>13</sup>. Segundo a autora,

<sup>7</sup> “Em boa parte dos meios de comunicação brasileiros foi afirmado que o aconteceu em 2016 não foi um golpe, mas sim um impeachment conforme previsto na constituição. (...) foi um golpe de outra roupagem. Dessa vez não foram os militares, mas sim a mídia, o congresso e o judiciário (...)” os perpetradores. (TORRES, 2017, p. 169).

<sup>8</sup> MOTTA, Rodrigo Patto Sá. EM GUARDA CONTRA O PERIGO VERMELHO: O ANTICOMUNISMO NO BRASIL (1917-1964). Tese (Doutorado em História Econômica) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP. São Paulo, 2000. Disponível em: <[https://www.academia.edu/12851483/EM\\_GUARDA\\_CONTRA\\_O\\_PERIGO\\_VERMELHO\\_O\\_ANTICOMUNISMO\\_NO\\_BRASIL\\_1917\\_1964](https://www.academia.edu/12851483/EM_GUARDA_CONTRA_O_PERIGO_VERMELHO_O_ANTICOMUNISMO_NO_BRASIL_1917_1964)>. Acesso em: 21 jun. 2022.

<sup>9</sup> Ibid., p. 13.

<sup>10</sup> RODEGHERO, 2003. p. 22.

<sup>11</sup> SILVA, Carla Luciana. Onda vermelha: imaginários anticomunistas brasileiros (1931-1934). Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

<sup>12</sup> Ibid., p. 24.

<sup>13</sup> Ibidem.

ainda que alguns grandes intelectuais tenham pretendido reunir os princípios do comunismo, como Thomas Morus, em *A Utopia*, de 1516, somente a partir da Revolução Francesa é que a interpretação de que as mazelas sociais derivam da propriedade privada vai tomar espaço<sup>14</sup>.

Na idade moderna, os princípios comunistas se transformam e ampliam-se, eles não eram mais apenas nascidos dos “grandes pensadores”, mas emergiam junto aos movimentos revolucionários populares<sup>15</sup>. Porém, os ideais comunistas, que surgem da Revolução Francesa até o ano de 1848, eram movimentos que direcionavam-se para soluções pacíficas de transformação da sociedade, descartando muitas vezes os conflitos existentes entre os interesses de classes, fenômeno este que se expande com o avanço da globalização capitalista<sup>16</sup>. Sendo assim, segundo Silva:

Somente após este avanço poderíamos chegar à definição do comunismo marxista. Ele é tomado como principal referente nos textos anticomunistas, e isso se deve às suas mais amplas implicações políticas. Igualmente relevante é o fato de que Marx e Engels estudaram o mundo moderno em processo de revolução industrial, cujo sistema se manteve e mantém até hoje: o capitalista. O problema central da sua análise está configurado nos interesses de uma classe, a burguesia, conflitantes com os do proletariado.<sup>17</sup>

A estratégia política ofensiva está longe de ser novidade no meio político. Assim, a utilização do termo “comunista” como uma forma de insulto não é algo novo. Já em 1848, Karl Marx e Friedrich Engels, considerados os fundadores do socialismo científico, em *Manifesto do Partido Comunista*<sup>18</sup>, questionam: “Que partido oposicionista não é acusado de comunista por seus adversários no governo? Que partido de oposição não atira de volta a pecha estigmatizante do comunismo tanto contra os colegas mais progressistas como contra seus adversários reacionários?”<sup>19</sup>.

No Brasil, em meados do século XIX, as bases ideológicas do anticomunismo já se apresentavam. Silva destaca, na obra supracitada, um trecho do livro de Moniz Bandeira, *O Ano Vermelho: a Revolução Russa e seus reflexos no Brasil*, onde o autor afirma que “(...) já em 1849, no Brasil, a palavra ‘comunismo’ vulgarizava-se na imprensa e no Parlamento”<sup>20</sup>.

---

<sup>14</sup> DALTOÉ, 2017. p. 79.

<sup>15</sup> Ibidem.

<sup>16</sup> Ibid., p. 80.

<sup>17</sup> SILVA, Carla Luciana, op. cit., p. 24.

<sup>18</sup> MARX, Karl; ENGELS, FRIEDERICH. Manifesto do Partido Comunista. Petrópolis: Vozes. 1993.

<sup>19</sup> Ibid., p. 65.

<sup>20</sup> SILVA, Carla Luciana, op. cit., p. 26.

Na mesma obra, um fragmento do livro de Mário Maestri, *A segunda morte de Castro Alves: genealogia crítica de um revisionismo*, é posto em evidência pela autora. Nele, Maestri cita um projeto abolicionista que determinava a emancipação dos filhos de mulheres escravizadas em 1871. De acordo com o escritor, “o projeto foi combatido pelos escravistas, que chegaram a apresentá-lo como inspiração da terrível internacional comunista”<sup>21</sup>.

Nota-se, a partir de 1848, o surgimento de obras anticomunistas com divulgação e circulação relativamente amplas. Porém, somente a partir de 1917, em decorrência da Revolução Russa, que tais ações são aprofundadas. Segundo Bonet, “após a Revolução de Outubro, o comunismo entrou na cena mundial, não só como um movimento organizado e difuso, senão também como uma alternativa política real em relação aos regimes tradicionais”<sup>22</sup>. Assim, entende-se que a Revolução Russa, além de consolidar uma referência prática à construção de uma sociedade alternativa ao capitalismo, também consolida um novo momento da organização dos partidos, sindicatos e movimentos populares<sup>23</sup>.

No Brasil, a Revolução de Outubro teve grandes impactos. Poucos anos após sua ocorrência, em 1922, é criado o Partido Comunista Brasileiro (PCB)<sup>24</sup>. Assim, no decorrer da década de 1920, as manifestações contra o comunismo na imprensa ampliaram-se, fazendo com que o assunto entrasse para o conjunto de preocupações dos grupos privilegiados<sup>25</sup>. Conforme Motta, “Com o crescimento experimentado pelo PCB nos anos 1930 tal quadro começa a se alterar. O anticomunismo começou a ganhar maior força na mesma medida em que se dava o processo de expansão da influência do Partido Comunista”<sup>26</sup>.

Porém, foi a *Intentona Comunista*, em novembro de 1935, a maior responsável pela propagação e consolidação do anticomunismo no Brasil<sup>27</sup>. Sobre a Intentona, Motta afirma:

O impacto da Intentona foi enorme sobre a opinião conservadora, afinal, não era uma rebelião comum: tratou-se de uma tentativa armada dos comunistas de tomarem o poder, a qual, uma vez bem sucedida, poderia ter provocado grandes transformações na organização social brasileira.<sup>28</sup>

---

<sup>21</sup> Ibid., p. 27.

<sup>22</sup> BONET, 1998. p. 34.

<sup>23</sup> DALTOÉ, op. cit., p. 81.

<sup>24</sup> “Partido político de âmbito nacional fundado em março de 1922 com o nome de Partido Comunista do Brasil, sigla PCB”. In: PARTIDO COMUNISTA BRASILEIRO (PCB). CPDOC-FGV. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/partido-comunista-brasileiro-pcb>>. Acesso em: 25 jun 2022.

<sup>25</sup> MOTTA, op. cit., p. 6.

<sup>26</sup> Ibidem.

<sup>27</sup> Ibid., p. 7.

<sup>28</sup> Ibidem.

Os impactos políticos desse processo foram importantes. O golpe ocorrido em novembro de 1937, que resultou na instauração do Estado Novo, foi projetado sob o escopo dos combates de 1935, que ofereceram justificativa para as medidas autoritárias do governo Vargas. O preâmbulo do texto constitucional do Estado Novo, por exemplo, dizia que o regime atendia ao “estado de apreensão criado no país pela infiltração comunista, que se torna dia a dia mais extensa e mais profunda, exigindo remédios, de caráter radical e permanente”<sup>29</sup>.

Assim, lançavam-se as bases para a fundação de uma forte tradição anticomunista no Brasil, que se repetiria em outra onda tão intensa quanto essa, e que culminaria em um novo golpe na década de 60. Ambas representadas, durante as décadas posteriores, através das figuras do Estado, de organismos sociais e até mesmo de simples indivíduos, do qual o empenho militante levou ao estabelecimento de um conjunto de representações sobre o comunismo, isto é, levou a construção de um verdadeiro imaginário anticomunista<sup>30</sup>.

Anos mais tarde, após a queda do Muro de Berlim e o fim da Guerra Fria, esse imaginário volta a fazer parte do cotidiano brasileiro, mas dessa vez, associado a uma manifestação relativamente nova no contexto político nacional: o antipetismo.

Conforme Motta, se o anticomunismo histórico pode ser definido como aquele que foi dirigido contra o legado bolchevista e contra a influência soviética, e, em muitos casos, representa simplesmente uma recusa a toda forma de socialismo, em comparação, o antipetismo é mais fácil de definir, já que se refere a um “objeto mais preciso” e “historicamente datado”. (...) ele representa uma recusa integral ao PT e a seus projetos e símbolos<sup>31</sup>.

A tradição anticomunista foi reapropriada na luta contra os governos petistas e adaptada aos novos tempos. Hoje, agentes da direita falam em “comuno-petismo”<sup>32</sup> para conectar o partido dos trabalhadores às imagens negativas tradicionais do comunismo histórico. Eles divulgam há anos que existiria em curso uma estratégia de inspiração gramsciana para obter hegemonia esquerdista, o que passaria inclusive pelo controle da

---

<sup>29</sup> BRASIL. *CONSTITUIÇÃO DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL, DE 10 DE NOVEMBRO DE 1937*. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao37.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao37.htm)>. Acesso em: 25 jun. 2022.

<sup>30</sup> MOTTA, op. cit., p.7.

<sup>31</sup> Id., 2018, p. 4.

<sup>32</sup>CARVALHO, Olavo. *QUALQUER iniciativa ÚTIL contra o comunopetismo tem de ser apoiada, a despeito de todas as divergências e antipatias. Será que é tão difícil criticar apoiando, ou apoiar criticando? Será que só existem a aprovação integral e a rejeição integral? (...)*. Brasil, 2 jun. 2015. Facebook: Olavo de Carvalho. Disponível em: <<https://www.facebook.com/carvalho.olavo/photos/qualquer-iniciativa-%C3%BAtil-contra-o-comunopetismo-te-m-de-ser-apoiada-a-despeito-de/498664263618986/>>. Acesso em: 25 jun. 2022.

mídia<sup>33</sup>; A figura do inimigo estrangeiro foi renovada, a ameaça externa já não é mais a União Soviética, mas China, Cuba e Venezuela<sup>34</sup>.

Através da análise de periódicos produzidos pelo jornal *O Globo* durante o decorrer do golpe civil-militar ocorrido na década de 60, tendo como principais suportes historiográficos os trabalhos realizados por Rodrigo Patto Sá Motta<sup>35</sup> e, circunstancialmente, Carla Simone Rodeghero<sup>37</sup>; partindo da leitura e interpretação de artigos elaborados em meio aos acontecimentos do golpe jurídico-midiático-parlamentar de 2016, escritos por Rodrigo Constantino<sup>38</sup>, notável representante da direita atual, também para o jornal *O Globo*; e tendo como assistência as pesquisas desenvolvidas por Mateus Gamba Torres<sup>39</sup>, como também por Luciana Silvestre Girelli<sup>41</sup>; o presente trabalho tem por objetivo compreender se o discurso antipetista atual seria uma readaptação da ideologia anticomunista presente desde o início do século passado. Busca também contrastá-lo ao discurso anticomunista praticado em outro momento da história política nacional: de 1961 à 1964, durante o governo de João Goulart,

---

<sup>33</sup> CONSTANTINO, Rodrigo. *Movimento Revolucionário: Cultura e Poder*. Disponível em: <<https://www.gazetadopovo.com.br/rodrigo-constantino/artigos/movimento-revolucionario-cultura-e-poder/>>. Acesso em: 25 jun. 2022.

<sup>34</sup> MELO, João Cesar de. *O mundo contra a China: e o Brasil?*. Disponível em: <<https://www.gazetadopovo.com.br/rodrigo-constantino/o-mundo-contra-a-china-e-o-brasil/>>. Acesso em: 25 jun. 2022.

<sup>35</sup> MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *EM GUARDA CONTRA O PERIGO VERMELHO: O ANTICOMUNISMO NO BRASIL (1917-1964)*. Tese (Doutorado em História Econômica) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP. São Paulo, 2000. Disponível em: <[https://www.academia.edu/12851483/EM\\_GUARDA\\_CONTRA\\_O\\_PERIGO\\_VERMELHO\\_O\\_ANTICOMUNISMO\\_NO\\_BRASIL\\_1917\\_1964](https://www.academia.edu/12851483/EM_GUARDA_CONTRA_O_PERIGO_VERMELHO_O_ANTICOMUNISMO_NO_BRASIL_1917_1964)>. Acesso em: 21 jun. 2022.

<sup>36</sup> MOTTA, Rodrigo Patto Sá. 2018. *Anticomunismo e Antipetismo na Atual Onda Direitista*. p. 4. Disponível em: <[https://www.academia.edu/37518793/ANTICOMUNISMO\\_E\\_ANTIPETISMO\\_NA\\_ATUAL\\_ONDA\\_DIREITISTA](https://www.academia.edu/37518793/ANTICOMUNISMO_E_ANTIPETISMO_NA_ATUAL_ONDA_DIREITISTA)>. Acesso em: 25 jun. 2022.

<sup>37</sup> RODEGHERO, Carla Simone. *O diabo é vermelho: imaginário anticomunista e Igreja Católica no Rio Grande do Sul (1945-1964)*. 2.ed. Passo Fundo: UPF, 2003.

<sup>38</sup> Rodrigo Constantino é um economista, comentarista, colunista e escritor brasileiro. Ideólogo de extrema-direita e antipetista declarado, ele se apresenta como um “liberal de viés conservador”. CONSTANTINO, RODRIGO. “Economista, comentarista, liberal com viés conservador contra extremistas de todos os lados - inclusive do centro”. Weston, abri. 2009. Twitter: @Rconstantino. Disponível em: <<https://twitter.com/Rconstantino>>. Acesso em: 26 jun. 2022.

<sup>39</sup> TORRES, MATEUS GAMBA. *Duas Marchas, um objetivo: Os movimentos golpistas de 1964 e 2016 em imagens*. RELIGACIÓN: REVISTA DE CIENCIAS SOCIALES Y HUMANIDADES, v. 2, p. 161-180, 2017. Disponível em: <[https://www.academia.edu/35430732/Duas\\_Marchas\\_um\\_objetivo\\_Os\\_movimentos\\_golpistas\\_de\\_1964\\_e\\_2016\\_em\\_imagens](https://www.academia.edu/35430732/Duas_Marchas_um_objetivo_Os_movimentos_golpistas_de_1964_e_2016_em_imagens)>. Acesso em: 25 jun. 2022.

<sup>40</sup> TORRES, M. G. . *O Golpe de Estado no Brasil de 2016 nos Editoriais do Jornal O Globo*. In: Lorena Soler; Charles Quevedo; Alfredo Falero. (Org.). *Intelectuales, democracia y derechas*. 1ed. Buenos Aires: El Colectivo, 2020, v. 1, p. 181-200. Disponível em: <[https://www.jstor.org/stable/j.ctv253f4g2.13#metadata\\_info\\_tab\\_contents](https://www.jstor.org/stable/j.ctv253f4g2.13#metadata_info_tab_contents)>. Acesso em: 25 jun. 2022.

<sup>41</sup> GIRELLI, L. S. . *Mídia e clima político no Brasil: os discursos de ódio no pré-impeachment de Dilma Rousseff*. SINAI (UFES), v. 22, p. 158-178, 2018. Disponível em: <<https://periodicos.ufes.br/sinai/article/view/22893>>. Acesso em: 26 jun. 2022.

período este que foi marcado por um grande surto anticomunista e, a partir dele, a mais longeva ditadura da nossa história foi implantada.

Os periódicos e artigos publicados pelo *O Globo* que serão analisados nesta pesquisa não foram escolhidos por acaso. Foram selecionados pois, primeiro, conforme Torres, a “(...) parte relacionada ao editorial manifesta a forma de pensar do jornal como empresa”<sup>42</sup>. Igualmente, entende-se aqui que o mesmo pode ser declarado sobre as colunas jornalísticas, que representam sim o posicionamento e a visão da empresa em relação ao que é escrito, publicado e divulgado em seus diferentes meios. Segundo, ainda em acordo com o historiador, desde 1961, o jornal citado se coloca em oposição a João Goulart e a sua posse como presidente após a renúncia de Jânio Quadros<sup>43</sup>.

O fato é que João Goulart era o vice-presidente eleito, e, segundo a Constituição de 1946, deveria assumir a presidência da República até terminar o mandato. Jango, como era chamado, não era bem visto pela Globo e por boa parte de uma elite empresarial pelo fato de se relacionar diretamente com sindicatos de trabalhadores, sendo, por isso, acusado de comunista. A Globo apoiava, assim, um golpe de Estado contra o vice-presidente, apoiando a postura dos ministros militares que queriam impedir sua posse.<sup>44</sup>

Como um aliado incondicional dos conspiradores, Roberto Marinho<sup>45</sup>, antes mesmo do golpe, já realizava uma campanha contra o governo João Goulart. O problema de João Goulart, segundo Marinho, era que “o presidente não combatia o comunismo, a inflação e a desordem”<sup>46</sup>.

E sobre tudo isso, surge o Governo estimulando os trabalhadores, a imprensa comunista abrindo grandes manchetes a respeito de greves e ameaças de greves e, ainda, a Política em cena (...) Governo não tem preparo para administrar, só sabendo fazer ameaças, afugentando capitais nacionais e estrangeiros com perseguições lenta e metódica contra o nosso desenvolvimento (...) O Brasil e a Indonésia surgem como países de maior risco de emprego de capital, o que é terrível (...) A Provoca-se

---

<sup>42</sup> TORRES, 2020, p. 192.

<sup>43</sup> *Ib.*, p. 185.

<sup>44</sup> *Ib.*, p. 185 - 186.

<sup>45</sup> “Roberto Marinho foi responsável pela consolidação das Organizações Globo, lançando, em 1944, a Rádio Globo e, em 1965, a TV Globo, conquistando no campo das comunicações incontestemente hegemonia após 1964”. (*Ib.*, p.185).

<sup>46</sup> *Ib.*, p.186.

o caos no País (...) somente os cegos não percebem esta trama diabólica que está vitimando do País.<sup>47</sup>

Ainda que, em 2 de setembro de 2013, as *Organizações Globo*, no programa *Jornal Nacional*, tenha realizado um pedido de desculpas em relação ao apoio dado ao golpe de 64<sup>48</sup>, em 2016, mais uma vez, foi nítido o suporte oferecido pela empresa ao processo golpista perpetrado contra Rousseff<sup>49</sup>. Este trabalho propõe-se a aprofundar a compreensão acerca desse suporte através da leitura e interpretação dos artigos produzidos por Rodrigo Constantino. Artigos estes que foram escritos para *O Globo* enquanto Constantino ainda fazia parte do grupo de colonistas, durante o período de ocorrência do impeachment de Dilma.

Em relação ao recorte temporal, foi delimitado para esta pesquisa o período mais próximo às manifestações que ocorreram em favor do afastamento de ambos presidentes, João Goulart e Dilma Rousseff. Sendo que, em prol da deposição de Goulart, no dia 19 de março de 1964, ocorreu a chamada *Marcha da Família com Deus pela Liberdade*, e favorável ao impeachment de Dilma, ocorreram, em todo o Brasil, no ano de 2016, protestos conhecidos como “manifestações do dia 13 de março”. Como complemento a este trabalho, o teor de tais manifestações serão brevemente analisados através das imagens reproduzidas a partir do trabalho elaborado por Torres, *Duas Marchas, um objetivo: Os movimentos golpistas de 1964 e 2016 em imagens*<sup>50</sup>.

Assim como feito em relação à escolha dos jornais, a escolha das manifestações para delimitar espaço temporal do assunto pesquisado também foi proposital. Pois, além de terem reunido milhares de pessoas, de modo que, as manifestações de 2016 foram consideradas as maiores já ocorridas na história do país<sup>51</sup>, ambos protestos ocorreram poucos dias antes do início do processo de deposição dos presidentes, notando-se então a influência de tais movimentos, que obtiverem, como desfecho, a destituição de Rousseff e Goulart de seus cargos.

<sup>47</sup> Ibidem.

<sup>48</sup> “REDE GLOBO ASSUME TER APOIADO GOLPE MILITAR (DITADURA) DE 64”. Disponível em: <<https://youtu.be/9OCvABY2pBg>>. Acesso em: 26 jun. 2022.

<sup>49</sup> Tal suporte é perceptível através dos editoriais analisados por Torres no trabalho já mencionado: *O golpe de estado no Brasil de 2016 nos editoriais do jornal O Globo*. Disponível em: <[https://www.jstor.org/stable/j.ctv253f4g2.13#metadata\\_info\\_tab\\_contents](https://www.jstor.org/stable/j.ctv253f4g2.13#metadata_info_tab_contents)>. Acesso em: 26 jun. 2022.

<sup>50</sup> TORRES, Mateus Gamba. *Duas Marchas, um objetivo: Os movimentos golpistas de 1964 e 2016 em imagens*. RELIGACIÓN: REVISTA DE CIENCIAS SOCIALES Y HUMANIDADES, v. 2, p. 161-180, 2017. Disponível em: <[https://www.academia.edu/35430732/Duas\\_Marchas\\_um\\_objetivo\\_Os\\_movimentos\\_golpistas\\_de\\_1964\\_e\\_2016\\_em\\_imagens](https://www.academia.edu/35430732/Duas_Marchas_um_objetivo_Os_movimentos_golpistas_de_1964_e_2016_em_imagens)>. Acesso em: 25 jun. 2022.

<sup>51</sup> MAIOR manifestação da história do País aumenta pressão por saída de Dilma. Disponível em: <<https://politica.estadao.com.br/noticias/geral/manifestacoes-em-todos-os-estados-superam-as-de-marco-do-ano-passado,10000021047>>. Acesso em: 27 jun. 2022.

Goulart foi afastado compulsoriamente 11 dias depois da grande marcha, em 31 de março de 1964. Em 01 de abril, o novo regime foi instaurado, durando 21 anos. Em 11 de abril de 2016, menos de um mês depois dos movimentos do 13 de março, o processo de impeachment de Dilma é aprovado na Câmara. Em 31 de agosto, a presidenta é deposta. Em 64, as pessoas envolvidas encontravam-se sob um forte surto anticomunista. Nos movimentos de 2016, sob um forte surto antipetista. Ambos sentimentos inflamados, em grande parte, pela mídia.

A presente monografia contará com três capítulos. No primeiro, irei me ater à análise do discurso anticomunista contido em fontes jornalísticas produzidas pelo *O Globo* durante os dias mais próximos ao golpe de 64. Como principais suportes historiográficos, utilizarei as obras dos autores já mencionados: *Em Guarda Contra o Perigo Vermelho*, de Rodrigo Patto Sá Motta, livro no qual o historiador argumenta que as representações e valores anticomunistas tiram sua inspiração, resumidamente, de três matrizes distintas: cristianismo (principalmente de base católica), nacionalismo e liberalismo; e trechos específicos dos trabalhos de Carla Simone Rodeghero, *O diabo é vermelho: imaginário anticomunista e a Igreja Católica no Rio Grande do Sul (1945-1964)*<sup>52</sup> e *Religião e patriotismo: o anticomunismo católico nos Estados Unidos e no Brasil nos anos da Guerra Fria*<sup>53</sup>, nos quais, através de diversas fontes, a autora esclarece a complexidade das ações, do imaginário e das práticas do fenômeno anticomunista na Igreja Católica, que se destacou como um dos principais grupos responsáveis pela disseminação dos preceitos anticomunistas.

No segundo capítulo, o foco será dado à compreensão do ódio direcionado ao Partido dos Trabalhadores (PT) e suas lideranças. Como suporte será utilizado o trabalho composto por Girelli, *Mídia e clima político no Brasil: os discursos de ódio no pré-impeachment de Dilma Rousseff*<sup>54</sup>, no qual a autora elucida esse ódio através do conceito de aporofobia e por meio do debate acerca da associação, realizada pela mídia, da corrupção ao PT.

E, por fim, no terceiro e último capítulo, serão analisados, à luz dos conceitos expostos por Motta, um vídeo, gravado por Rodrigo Constantino, onde faz um convite a

---

<sup>52</sup> RODEGHERO, Carla Simone. *O Diabo é Vermelho: Imaginário Anticomunista e Igreja Católica no Rio Grande do Sul (1945-1964)*. Porto Alegre: Editora UPF, 2003.

<sup>53</sup> RODEGHERO, Carla Simone. *Religião e patriotismo: o anticomunismo católico nos Estados Unidos e no Brasil no anos da Guerra Fria*. Revista Brasileira de História, São Paulo, v. 22, n. 44, 2022, p. 463 - 487. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/94409/000386866.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 27 jun. 2022.

<sup>54</sup> GIRELLI, L. S. *Mídia e clima político no Brasil: os discursos de ódio no pré-impeachment de Dilma Rousseff*. SINAIS (UFES), v. 22, p. 158-178, 2018. Disponível em: <<https://periodicos.ufes.br/sinais/article/view/22893>>. Acesso em: 26 jun. 2022.



população para participar das passeatas contra Dilma, e quatro artigos, também produzidos por ele, acerca do partido de Dilma, sendo três deles publicados nas colunas do *O Globo* e um na página do *Instituto Millenium*, entidade da qual Constantino é membro-fundador.

## CAPÍTULO I - ANTICOMUNISMO

Rodrigo Patto Sá Motta, em seu livro *Em guarda contra o perigo vermelho: o anticomunismo no Brasil (1917-1964)*, considera, no capítulo *Matrizes do Anticomunismo*, que as representações anticomunistas no Brasil provêm de três matrizes básicas: do cristianismo, mais precisamente do catolicismo, do nacionalismo e do liberalismo<sup>55</sup>. Para os católicos, o comunismo representaria o ateísmo; para os nacionalista, o estrangeirismo; e para os liberais, o fim da propriedade privada. Ou seja, cada grupo via no comunismo seus maiores medos<sup>56</sup>.

Acerca da influência religiosa, em especial de base católica, nos discursos anticomunistas, Motta afirma que a Igreja Católica se constituiu, provavelmente, na instituição não-estatal (desconsiderando o Vaticano) mais empenhada no combate aos comunistas ao longo do século XX<sup>57</sup>. Para as lideranças católicas o comunismo era um inimigo irreconciliável da Igreja, já que a nova doutrina questionava os fundamentos básicos das instituições religiosas.

O comunismo não se restringiria a um programa de revolução social e econômica. Ele se constituía numa filosofia, num sistema de crenças que concorria com a religião em termos de fornecer uma explicação para o mundo e uma escala de valores, ou seja, uma moral. A filosofia comunista se opunha aos postulados básicos do catolicismo: negava a existência de Deus e professava o materialismo ateu; propunha a luta de classes violenta em oposição ao amor e à caridade cristãs; pretendia substituir a moral cristã e destruir a instituição da família; defendia a igualdade absoluta contra as noções de hierarquia e ordem, embasadas em Deus. No limite, o sucesso da pregação comunista implicaria no desaparecimento da Igreja, que seria um dos objetivos dos líderes revolucionários.<sup>58</sup>

Motta esclarece que para os católicos, após a Revolução Bolchevique na Rússia, alguns de seus medos foram concretizados, isto é, as instituições religiosas foram perseguidas, religiosos foram executados e templos foram fechados. E, para “corromper” ainda mais a família católica, foi aprovado na URSS o divórcio e o aborto, dois pontos opostos à fé católica. Estabelecendo-se uma relação de bem e mal na sociedade, o cidadão

<sup>55</sup> “Evidentemente, não se trata de uma separação rígida, pois no processo social concreto as elaborações podem aparecer combinadas. Mas isto não altera o fato de que tratam-se de formações discursivas, identificáveis a partir de um olhar analítico, e que existem diferenças apreciáveis separando-as.” (MOTTA, 2000, p. 35).

<sup>56</sup> TORRES, 2017, p. 165.

<sup>57</sup> MOTTA, op. cit., p. 35.

<sup>58</sup> Ibid., p. 38.

deveria ser católico ou comunista, sendo, este último, “intrinsecamente mau”<sup>59</sup>, como o sistema que defendia<sup>60</sup>.

Carla Simone Rodeghero, em acordo com Motta, afirma que a Igreja Católica foi uma das instituições que mais se dedicaram ao combate ao comunismo no Brasil, e, aproveitando-se da infraestrutura que a Igreja possuía, mobilizou editoras católicas, realizando missas e eventos especiais, além das boas relações com grupos políticos conservadores<sup>61</sup>. Basicamente, este foi o sistema estabelecido no Brasil. O compromisso dos religiosos para com o anticomunismo não se restringiu ao espaço interno da Igreja, ou seja, às possibilidades de doutrinação oferecidas pelas missas, os líderes religiosos se utilizavam de seu prestígio e força política para atingir a população através de outros meios que não fossem a própria Igreja, ocupando espaços sociais externos à igreja<sup>62</sup>. Muitos clérigos foram aos jornais e rádios para pregar contra o comunismo<sup>63</sup>.

A autora ressalta também que a personificação de satanás ou do diabo foi o principal recurso didático na instrução dos fiéis nos discursos proferidos durante as missas e também nas matérias produzidas pelos jornais católicos. Esse recurso também foi responsável por transmitir mensagens aos fiéis sobre o perigo de destruição das famílias como algo iminente e, por isso, era necessário uma ação conjunta e colaboração de todos os membros da comunidade para frear o avanço do comunismo. Os recursos foram variados: charges, imagens, sermões durante a missa, gibis infantis, tudo para “conscientizar” todos os membros da família<sup>64</sup>.

Essencialmente, o comunismo foi identificado à imagem do “mal”, tal qual as sociedades humanas normalmente entendem e significam o fenômeno, ligando-o à ideia de sofrimento, pecado e morte. (...) No limite, chegou-se a operar a associação comunismo=demônio, na medida em que a revolução foi vituperada como encarnação do “mal absoluto”. Se os comunistas eram responsáveis por um cortejo tão grande de desgraças, não seria factível associar sua atuação aos desígnios do

---

<sup>59</sup> Ibid., p. 41

<sup>60</sup> TORRES, op. cit., p. 166.

<sup>61</sup> RODEGHERO, C. S. . *Religião e patriotismo: o anticomunismo católico nos Estados Unidos e no Brasil no anos da Guerra Fria*. Revista Brasileira de História, São Paulo, v. 22, n.44, 2022, p. 466. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/94409/000386866.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 27 jun. 2022.

<sup>62</sup> MOTTA, op. cit., p. 45.

<sup>63</sup> RODEGHERO, op. cit., p. 466.

<sup>64</sup> SILVA, Camila Gonçalves. *O imaginário anticomunista católico no Rio Grande do Sul 1945-1964*. In: Revista de História, Juiz de Fora, v.19, n.02, p. 295-299, 2013, p. 297. Disponível em: <<https://periodicos.ufjf.br/index.php/locus/article/download/20748/11127/82624>>. Acesso em: 27 jun. 2022.

“príncipe das trevas”, que segundo o imaginário cristão era a fonte suprema de todo mal?<sup>65</sup>

Seguindo as considerações apresentadas por Motta, entende-se o liberalismo como um programa que engloba duas vertentes principais: o liberalismo político e o liberalismo econômico. Por um lado, os liberais acreditavam que o comunismo sufocava a liberdade e praticava o autoritarismo político e, por outro, destruía o direito à propriedade na medida em que desapossava os particulares de seus bens e os estatizava. Claro, nem todos os grupos e indivíduos classificáveis como liberais defendem os dois aspectos. A ênfase no fator político ou econômico podia variar dependendo do caso ou do momento<sup>66</sup>.

Quando nos atemos à concepção política da temática liberal, vemos que ela apresenta os Estados comunistas como uma antítese da liberdade e da democracia. A ênfase em tais retóricas corresponde também a uma estratégia de alinhamento internacional. No contexto do período em questão, durante a Guerra Fria, o bloco anticomunista era liderado pelos EUA. Na visão dos americanos e dos seus aliados europeus ocidentais, a luta contra os países comunistas ligava-se ao objetivo de firmar a democracia contra a tirania. Os anticomunistas brasileiros procuravam, assim, vincular-se ao mundo “ocidental, livre e cristão” que os conduzia a uma identificação com os valores das nações “verdadeiramente” livres e democráticas<sup>67</sup>.

Em relação à dimensão econômica das concepções liberais, considera-se àquela ligada fundamentalmente à defesa da propriedade. O argumento central desta vertente é a ideia de que a propriedade é um direito individual, inalienável, e sagrado, integrante do grupo das liberdades fundamentais do ser humano<sup>68</sup>.

A respeito do nacionalismo<sup>69</sup>, Motta chama atenção para a adoção, por parte dos conservadores, de acordo com orientações elaboradas no século XIX sob influência do corporativismo e do romantismo alemão, da ideia que pressupõe a “nação” como um “corpo orgânico” fundamental para a manutenção da ordem. Conforme o autor, esse nacionalismo de viés conservador baseia-se na defesa da ordem, da tradição e da centralização, contra as forças da “desordem”. A nação, o conjunto formado pelo povo brasileiro unido ao território e

---

<sup>65</sup> MOTTA, op. cit., p. 72.

<sup>66</sup> Ibid., p. 60.

<sup>67</sup> Ibid., p. 63 - 64.

<sup>68</sup> Ibid., p. 64.

<sup>69</sup> “Quanto ao nacionalismo faz-se necessário atentar para seus distintos significados ao longo do período contemporâneo, sendo objeto de apropriações tanto à esquerda quanto à direita”. (Id., 2018, p. 6). Esta pesquisa tem foco na vertente direitista.

ao Estado, seria intocável, ou seja, mereceria a compreensão de objeto sagrado. Nesse sentido, os comunistas seriam elementos prejudiciais, pois instigavam a divisão e a própria destruição do corpo nacional, à medida que insuflavam a luta de classes<sup>70</sup>.

Outra característica do nacionalismo anticomunista era o repúdio ao posicionamento internacionalista dos comunistas, e a vinculação destes ao Estado Soviético. Nesse sentido, os comunistas eram vistos como agentes de uma potência estrangeira, a URSS, o que os tornavam traidores do Brasil. A propaganda anticomunista utilizou-se com frequência destes argumentos. Assim, os comunistas foram acusados tanto de tentar destruir a pátria, como de vendê-la em troca do “ouro de Moscou”<sup>71</sup>.

Assim, o anticomunismo de inspiração nacionalista acusava os militantes comunistas de serem elementos estranhos ao Brasil e as ideias defendidas por eles seriam formulações provenientes de países estrangeiros, ideias que não teriam nenhuma relação com a realidade nacional. O caráter, a alma, o sentimento brasileiro, não se contabilizariam com o ideal bolchevista, elaborado em terras muito distintas da pátria brasileira<sup>72</sup>. Segundo a argumentação anticomunista, “(...) as idéias dos revolucionários: (...) são irreconciliáveis com as tradições do caráter e da alma dos brasileiros (...)”; elas seriam contrárias “(...) à índole pacífica e conservadora do brasileiro (...)”; e incompatíveis com a “(...) índole liberal e profundamente religiosa de nossa gente”<sup>73</sup>.

### 1.1 - A MARCHA DE 1964

Entre os anos de 1961 a 1964, o anticomunismo no Brasil foi influenciado por razões internas e externas. No plano internacional, os acontecimentos na América Latina, sobretudo a Revolução Cubana, deixaram em alerta os setores conservadores brasileiros. No âmbito interno, a tendência ao crescimento das organizações de esquerda, como a Ação Popular (AP), Ligas Camponesas e Política Operária (POLOP), também influenciaram ideias anticomunistas<sup>74</sup>.

---

<sup>70</sup> MOTTA, op. cit., p. 50.

<sup>71</sup> Ibid., p. 51 - 52.

<sup>72</sup> Ibid., p. 53.

<sup>73</sup> Ibidem.

<sup>74</sup> Ibid., p. 286.

Em 3 de outubro de 1960, Jânio da Silva Quadros é eleito presidente, devendo governar de 1961 a 1966. Junto a ele, João Belchior Goulart, mais conhecido como “Jango”, ascende ao cargo de vice-presidente<sup>75</sup>.

Com a intenção de estabelecer relações comerciais e diplomáticas com todas as nações interessadas em um intercâmbio pacífico, inclusive com nações de governos considerados não democráticos, como a União Soviética, Jânio Quadros, desde o início, adotou uma Política Externa Independente, que compreendia, também, um posicionamento de não rechaço a Cuba. Essa atitude não agradou aos Estados Unidos, aos anticomunistas ferrenhos, e nem aos muitos grupos econômicos que eram beneficiados pela política externa anterior. Assim, foi realizada uma campanha de oposição à nova política externa, acusando-a de estar levando o país ao comunismo.

Com a tensão atingindo níveis alarmantes, “num lance dramático e ainda pouco esclarecido”<sup>76</sup>, Jânio resolveu renunciar ao cargo, dando espaço à ascensão de seu vice, João Goulart, em 25 de agosto de 1961<sup>77</sup>.

O episódio levou os anticomunistas ao desespero, pois o Vice-Presidente era um político conhecido por cultivar ligações com a esquerda. Sua eleição para o cargo, em 1955, e a reeleição, em 1960, haviam sido apoiadas pelos comunistas. O temor de que a ascensão de Goulart ao poder pudesse significar o fortalecimento dos comunistas, associado à frustração dos conservadores pelo retorno do getulismo, levou a que se tentasse impedir a posse. (...) A ascensão do líder gaúcho ao poder foi um verdadeiro divisor de águas nos embates políticos da época, pois se constituiu num fator de fortalecimento da esquerda e numa motivação para a arregimentação do anticomunismo.<sup>78</sup>

---

<sup>75</sup> JANIO DA SILVA QUADROS. In: CPDOC-FGV. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/janio-da-silva-quadros>>. Acesso em: 25 jun 2022.

<sup>76</sup> MOTTA, op. cit., p. 289.

<sup>77</sup> Ibidem.

<sup>78</sup> Ibid., p. 289 - 290.

Jango, que era filiado ao Partido Trabalhista Brasileiro (PTB)<sup>79</sup>, partido criado por Vargas, resolveu dar continuidade à orientação diplomática que já vinha sendo adotada anteriormente pelo Itamaraty durante o governo de Jânio. Orientação esta que pautava-se pela aproximação com os países não-alinhados e socialistas, no objetivo de diminuir a dependência do Brasil em relação aos EUA. Para a opinião anticomunista, não havia argumento que justificasse uma abertura na direção dos soviéticos, considerados profundos inimigos<sup>80</sup>.

Como consequência, com o fortalecimento das opiniões antiesquerdistas, houve o surgimento de um grande número de organizações anticomunistas no período, o que contribuiu, mais uma vez, para a formação do ambiente de radicalização e polarização ideológica.

Entre estas organizações, diversas entidades femininas conservadoras foram fundadas. Dentro delas, difundia-se a ideia de que o comunismo representava o fim de tudo aquilo que a “dona-de-casa” deveria proteger: a família, a religião e a propriedade. Assim, como se a nação fosse uma extensão de seu próprio lar, as mulheres da elite conservadora se deslocaram para o espaço público para defender seus valores. Uma das principais destas organizações era a União Cívica Feminina<sup>81</sup> (UCF), de São Paulo. Além dela, destacaram-se também a CAMDE (Campanha da mulher pela democracia), na cidade do Rio de Janeiro, e a LIMDE (Liga das mulheres democráticas), em Belo Horizonte. Esta última teve participação decisiva para que fosse realizada a *Marcha da Família com Deus pela Liberdade*.

No final de fevereiro de 64, mais precisamente no dia 25 de fevereiro, as mulheres da LIMDE, empunhadas com rosários<sup>82</sup> e proferindo orações para invocar proteção divina contra

---

<sup>79</sup> “O PTB - Partido Trabalhista Brasileiro, é um partido político do Brasil que foi fundado pelo ex-presidente da República, Getúlio Vargas. Sua criação tinha como um dos objetivos, servir de anteparo à classe popular e trabalhadora como uma alternativa além da influência do Partido Comunista, e/ou demais organizações de esquerda. O programa partidário do PTB em sua primeira fase de existência, antes do regime militar brasileiro, pregava algumas reformas, como a urbana, a agrária e a educativa, e tinha ênfase no crescimento econômico, desenvolvimento industrial, nacionalização de recursos e na educação”. PARTIDO TRABALHISTA BRASILEIRO (1945-1965). In: CPDOC-FGV. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/partido-trabalhista-brasileiro-1945-1965>>.

Acesso em: 25 jun 2022.

<sup>80</sup> MOTTA, op. cit., p. 290.

<sup>81</sup> É significativo destacar o papel desempenhado pelo Instituto Brasileiro de Ação Democrática (IBAD) e pelo Instituto de Pesquisas e Estudos Sociais (IPES), “(...) responsáveis pela indução e pela estruturação destes e de vários outros grupos anticomunistas”. VALIM, Alexandre Busko. *Das grandes ondas aos grandes diques*. In: Tempo, Rio de Janeiro, nº 19, p. 208. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/tem/a/xBRsDhbWtRSfhDvfvh8vFRd/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 27 jun. 2022.

<sup>82</sup> “(...) o rosário (ou o terço) foi brandido por militantes católicos em algumas manifestações, principalmente nos conflitos ocorridos em Belo Horizonte no início de 1964 e nas ‘Marchas com Deus’. O rosário remetia às representações construídas em torno de Nossa Senhora de Fátima, figura adotada por muitos católicos como protetora ou padroeira da luta contra o comunismo. Ambas construções simbólicas, Fátima e o rosário,

os “inimigos da religião”, impediram o pronunciamento que Leonel Brizola, cunhado de Goulart e importante líder esquerdista, faria na capital mineira para defender as reformas propostas pelo governo de Jango<sup>83</sup>.

Em matéria publicada no dia 26 do mesmo mês, o jornal *O Globo*, ao falar sobre o ocorrido, ressalta o repúdio existente em relação ao comunismo evocando as matrizes anticomunistas introduzidas por Motta:

No Brasil, oferece-nos Minas Gerais, mais uma vez, o exemplo dignificante de civismo e de fé na democracia. Primeiro, impedindo que em seu solo, campo de tantas refregas gloriosas em prol da liberdade, se reunisse um congresso internacional de agentes de Moscou, e, em seguida, opondo barreiras intransponíveis, em Governador Valadares, a invasões, criminosamente planejadas, contra a propriedade privada, sob o falso pretexto de ensaiar reforma agrária. Minas, por assim dizer, está mobilizada contra os inimigos das instituições. Constitui o maior centro de resistência às investidas malsãs do comunismo.<sup>84</sup>

No trecho acima, o anticomunismo de matriz católica demonstra-se presente mediante a imposição de rosários e através da profissão de orações pelas mulheres do LIMDE contra a figura de Brizola. A matriz liberal se apresenta por meio do uso de palavras como “liberdade”, “democracia”, conceitos que seriam, segundo ideais anticomunistas, inexistentes em regimes socialistas. A evocação da “propriedade privada” e a aversão à “reforma agrária”, tópicos centrais do debate liberal, também são pontos que se encaixam nesta matriz. O eixo nacionalista é exposto no momento em que é atrelado aos “agentes de Moscou” as “invasões, criminalmente planejadas contra a propriedade privada”. O uso deste termo para referir-se ao que eles, os conservadores, consideram comunistas, aflora a ideia de que estas pessoas não faziam parte do Brasil. Seriam estrangeiros, “estranhos” perdidos em terras brasileiras.

Em 10 de março, grupos anticomunistas cariocas, liderados pela CAMDE, organizaram um comício para protestar contra a suposta orientação esquerdista assumida pelo governo. Acerca deste evento, em outra publicação, também no *O Globo*, é possível ver a seguinte chamada: *A Guanabara manifestará em concentração, no dia 10, seu repúdio ao comunismo!*<sup>85</sup>. Nela, palavras em “defesa da democracia e da liberdade” são expressas, assim como o enaltecimento ao episódio dos rosários ocorrido em Minas Gerais e o desprezo ao

---

animaram a fé dos crentes e ocuparam posição destacada no imaginário anticomunista católico dos anos 60”. (MOTTA, op. cit., p. 305 - 306).

<sup>83</sup> Ibid., p. 322 - 323.

<sup>84</sup> “Mobilização geral contra o comunismo” (editorial). *O Globo*, 26/02/64, p. 3.

<sup>85</sup> *O Globo*, 09/03/64, p. 1.



comunismo, representado aqui através da imagem do Partido Comunista, que, embora tenha atuado a maior parte de sua existência na ilegalidade, ainda, somente por sua existência, alarmava os setores mais conservadores.

A Praça das Nações (...), será palco (...) de uma grande concentração cívica em defesa das liberdades democráticas, em que a população da Guanabara manifestará seu repúdio à volta do Partido Comunista à legalidade e sua solidariedade ao povo de Minas Gerais pela forma como tem repellido as tentativas de comunização daquele Estado.<sup>86</sup>

Em resposta ao impedimento do discurso de Brizola, e principalmente em defesa das Reformas de Base<sup>87</sup>, às vésperas do golpe, em 13 de março de 1964, foi realizado, em frente ao prédio da Central do Brasil, no Rio de Janeiro, o que ficou conhecido como o *Comício das Reformas*. Cerca de 150 mil pessoas participaram do ato político<sup>88</sup>, que foi muito bem recebido pelas esquerdas, que o interpretaram como uma opção do presidente pelo fim da política de conciliação e pela realização das reformas, “na lei ou na marra”<sup>89</sup>. Por outro lado, parlamentares e políticos ligados aos partidos de oposição à Jango, bem como setores organizados de direita da sociedade civil receberam o ato com apreensão, entendendo que, a partir de então, o presidente havia assumido uma aliança com as esquerdas e não mais hesitaria em romper com constituição para levar adiante seu programa reformista<sup>90</sup>.

No campo conservador, o comício (...) foi recebido com alarme. O simples fato de o evento ter sido organizado, em grande parte, pela liderança sindical comunista, já era motivo suficiente para causar temor. A presença de numerosas bandeiras

<sup>86</sup> Idem.

<sup>87</sup> Durante seu governo, Jango defendeu aquilo que ficou conhecido como “reformas de base”, que foram “(...) uma série de propostas consideradas necessárias à renovação das instituições socioeconômicas e político-jurídicas brasileiras que tinham como objetivo remover os obstáculos à marcha do processo de desenvolvimento do país. Essas propostas foram a base do programa de governo Goulart. As reformas consideradas prioritárias eram a agrária, a administrativa, a constitucional, e eleitoral, a bancária, a tributária (ou fiscal) e a universitária (ou educacional)”. “REFORMAS DE BASE”. In: CPDOC-FGV. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/reformas-de-base>>. Acesso em: 25 jun 2022.

<sup>88</sup> “Organizada por líderes do Comando Geral dos Trabalhadores (CGT), congregou cerca de 150 mil pessoas, incluindo membros de entidades sindicais e outras organizações de trabalhadores da cidade e do campo, servidores públicos civis e militares, estudantes e demais camadas populares”. “COMÍCIO DAS REFORMAS”. In: CPDOC-FGV. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/comicio-das-reformas>>. Acesso em: 25 jun 2022.

<sup>89</sup> CORDEIRO, Janaina Martins. A MARCHA DA FAMÍLIA COM DEUS PELA LIBERDADE EM SÃO PAULO: DIREITAS, PARTICIPAÇÃO POLÍTICA E GOLPE NO BRASIL, 1964. In: rev. hist. (São Paulo), n.180, a01720, 2021, p. 7. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rh/a/N3v4qtLG8XkgR3gKP9yvwBm/?lang=pt&format=pdf>>. Acesso em: 25 jun.2022.

<sup>90</sup> MOTTA, op. cit., p. 324.

ostentando a “foice e martelo”, somada ao tom violento de muitos dos discursos, deu aos conservadores a certeza de que a revolução estava sendo preparada celeremente. Entre as diversas personalidades a fazer uso do microfone, um dos mais radicais foi Brizola. O deputado gaúcho fez ameaças ao Congresso, instituição conservadora que ele desejava ver substituída por uma Assembléia Constituinte de caráter popular. O discurso de Goulart foi bem mais ameno; ainda assim, ele continha críticas ao “arcaísmo da Constituição” e pressionava o Congresso a ir “ao encontro das reivindicações populares”.<sup>91</sup>

Em 14 de março de 1964, um dia após o Comício, *O Globo* publica uma matéria com o seguinte título: *Católicos de São Paulo Respondem ao Comício Rezando*. Nela é possível perceber, principalmente, o viés católico anticomunista presente no período:

Em represália ao comício de ontem no Rio, entidades católicas e democráticas desta capital promoveram uma ‘noite de oração’, às 18 horas, junto à catedral da Praça da Sé. Estavam presentes o deputado federal Cunha Bueno, a vereadora Dulce Sales Cunha, a esposa do Governador da Bahia, D. Hildete Brito Lomanto, e mais 150 senhoras da sociedade paulistana que rezaram o têrço. Frei Bernardino de Villas Boas proferiu breve alocução, com palavras de incentivo e agradecimento às mulheres brasileiras.<sup>92</sup>

A reação da ala conservadora ao comício de Jango foi a organização daquela que ficou conhecida como a primeira *Marcha da Família com Deus pela Liberdade*. Inicialmente, a organização da marcha foi elaborada como uma resposta ao que grupos femininos conservadores e anticomunistas, além de setores ligados à Igreja Católica, julgaram como ofensa por parte de Goulart acerca de um trecho específico do discurso que promoveu no *Comício*<sup>93</sup>:

Ameaça à democracia não é vir confraternizar com o povo na rua. Ameaça à democracia é empulhar o povo explorando seus sentimentos cristãos, mistificação de uma indústria do anticomunismo (...) O cristianismo nunca foi o escudo para os privilégios condenados pelos Santos Padres. Nem os rosários podem ser erguidos

---

<sup>91</sup> MOTTA, op. cit., p. 324.

<sup>92</sup> “Católicos de São Paulo Respondem ao Comício Rezando”. *O Globo*, 14/03/1964, p. 10.

<sup>93</sup> CORDEIRO, op. cit., p. 9.

como armas contra os que reclamam a disseminação da propriedade privada da terra, ainda em mãos de uns poucos afortunados.<sup>94</sup>

Posteriormente, o movimento assumiu-se como uma reação defensiva ao que os setores da direita consideraram como “ataque” às oposições do governo e aos valores cristãos, “patrióticos” (de viés nacionalista) e liberais.

Em 18 de março, *O Globo* inflamava ainda mais a população por meio de sua propaganda anti-Goulart e anticomunista. Por ter sido publicada um dia antes da grande marcha, interpreta-se que a publicação abaixo foi escrita como uma espécie de convite, tendo como finalidade a sensibilização da opinião pública contra as medidas que vinham sendo adotadas pelo governo João Goulart.

Ainda se poderá falar em legalidade neste país? É legal uma situação em que se vê o Chefe do Executivo unir-se a pelegos e agitadores comunistas, para intranquilizar a Nação com menções a eventuais violências, caso o Congresso não aceite seus pontos de vista? É legal uma situação em que a própria mensagem enviada ao Congresso, por ocasião da abertura de seus trabalhos, o Presidente da República reclame a reforma da Constituição, que jurou preservar e defender, invadindo, portanto, a competência exclusiva do Parlamento? É legal uma situação em que inspirados nas atitudes governamentais órgãos ilegítimos, destinados à agitação, se dirigem ao Congresso em linguagem audaciosa, fazendo ameaças e insinuando represálias?(...) Para a democracia - disse o Senado Moura de Andrade - o Congresso dá todo o apoio. (...) Também o povo, também as Forças Armadas.<sup>95</sup>

Como consequência do *Comício das Reformas*, em 19 de março de 1964, ocorre, em São Paulo, a *Marcha da Família com Deus pela Liberdade*. Responsável por reunir cerca de 300 mil pessoas na Praça da República<sup>96</sup>, a manifestação foi uma ampla frente de grupos de direita e conservadores que convocavam a sociedade a defenderem a família, a pátria, a democracia, a Constituição e a religião, que consideravam estar sob ameaça pelo governo “comunista” de João Goulart. Porém, um clamor se destacava entre os demais. Sob o escopo

---

<sup>94</sup> DISCURSO de Jango na Central do Brasil em 1964. In: Empresa Brasil Comunicação (EBC). Disponível em: <<https://memoria.etc.com.br/cidadania/2014/03/discurso-de-jango-na-central-do-brasil-em-1964>>. Acesso em: 26 jun. 2022.

<sup>95</sup> *O Globo*, 18/03/1964, p. 1.

<sup>96</sup> “O jornal O Estado de S. Paulo divulgou a manifestação, que contou com a participação de cerca de trezentas mil pessoas”. “MARCHA DA FAMILIA COM DEUS PELA LIBERDADE”. In: CPDOC-FGV. Disponível em: <<https://www.fgv.br/Cpdoc/Acervo/dicionarios/verbete-tematico/marcha-da-familia-com-deus-pela-liberdade>>. Acesso em: 25 jun 2022.



percebidos. Eles relacionam o comunismo a algo que seria de fora do Brasil e contra a “tradição” de nosso país verde-amarelo<sup>100</sup>.



Imagem 2<sup>101</sup>

Na imagem 2, é possível ver mulheres brancas e bem vestidas, possivelmente de classe média, impondo o rosário, expondo o símbolo religioso como se fosse algo que se contrapõe ao governo “comunista” de Goulart. Os dizeres: “Deus”, “família” e “liberdade” apresentam-se como um contraponto ao comunismo que, segundo seus participantes, estaria dominando o governo Jango<sup>102</sup>.

Como expresso anteriormente, com relação ao liberalismo, o comunismo era considerado sua antítese. A pregação das teorias liberais pelos grupos conservadores que se opunham ao comunismo englobava questões políticas (liberdades políticas) e econômicas, (especificamente a livre iniciativa). Para tais grupos, a defesa do liberalismo econômico e da propriedade privada tornava-se o aspecto mais importante, sinônimo de democracia<sup>103</sup>. O conteúdo político, para eles, ficava em segundo plano<sup>104</sup>.

Sobre isto, conforme Torres, é importante destacar que:

<sup>100</sup> Ibidem.

<sup>101</sup> TORRES, 2017, p. 165 apud GOLPE de 64: ‘Marcha da Família com Deus pela Liberdade’ completa 50 anos; saiba quem a financiou e dirigiu. Disponível em: <<https://operamundi.uol.com.br/politica-e-economia/34445/golpe-de-64-marcha-da-familia-com-deus-pela-liberdade-completa-50-anos-saiba-quem-a-financiou-e-dirigiu>> Acesso em: 06 jun. 2017.

<sup>102</sup> Ibid., p. 166.

<sup>103</sup> Ibid., p. 167.

<sup>104</sup> MOTTA, op.cit., p. 306.

(...) àquela altura, a disputa ideológica não pendia com facilidade para qualquer dos lados. Na década de 1960, os indicadores demonstravam altas taxas de crescimento nos países do chamado socialismo real, o que entusiasmava os militantes de esquerda e servia como importante argumento na luta política. Talvez por isso, o principal argumento liberal seria a defesa da propriedade, pois, mesmo havendo crescimento econômico, a população não poderia usufruir individualmente, já que no “mundo comunista” tudo seria propriedade do Estado. Dentre eles, Cuba.<sup>105</sup>

Assim, no início dos anos 60, sob o impacto da Revolução Cubana, o país liderado por Fidel Castro “(...) entra nos pesadelos daqueles que percebem que uma revolução comunista na América Latina é possível”<sup>106</sup>, inflamando ainda mais os espíritos anticomunistas. Importante ressaltar também que, à sombra do eixo católico anticomunista, o governo de Cuba, na época, foi acusado de perseguir a Igreja católica cubana, prendendo padres e fechando templos<sup>107</sup>. Da mesma forma, relacionando-se à matriz de cunho nacionalista, Cuba, assim como a China, passou a ocupar, em conjunto com a URSS, a posição de ameaça estrangeira a partir dos anos 1950 e 1960<sup>108</sup>.



Imagem 3<sup>109</sup>

Na foto, manifestantes expressam seu medo pessoal, profetizando que o que aconteceu no país caribenho não acontecerá no Brasil. Isso demonstra que, para eles, as

<sup>105</sup> TORRES, op. cit., p. 167.

<sup>106</sup> Ibidem.

<sup>107</sup> MOTTA, op. cit., p. 103.

<sup>108</sup> Id., 2018, p. 6 - 7.

<sup>109</sup> TORRES, op. cit., p. 167 apud COMO derrubar um governo. Disponível em: <<http://brasileiros.com.br/2016/08/como-derrubar-um-governo/>>. Acesso em: 06 jun. 2017.

reformas propostas por Jango tinham o objetivo de transformar o Brasil numa nova Cuba, ou seja, um país comunista na América Latina<sup>110</sup>.

No dia seguinte à manifestação, em 20 de março, na primeira página do *O Globo*, percebe-se o seguinte título: *SÃO PAULO DE PÉ EM DEFESA DE DEMOCRACIA*. Logo abaixo é dito:

São Paulo parou para acompanhar a grandiosa "Marcha da Família", que teve a participação de delegações de todo o interior do Estado e de Minas, Rio Grande do Sul (...). Tão grande era a multidão que não coube na Praça da Sé, onde houve a concentração final, com discursos e orações, espalhando-se pelas ruas das vizinhanças. Em todos os discursos ficou patenteada a disposição do povo brasileiro de defender sua liberdade e sua fé religiosa. Estiverem presentes políticos, militares e religiosos de todos os credos (...)<sup>111</sup>.

Mais uma vez é possível perceber a presença das matrizes anticomunistas no evento através do uso de palavras como: “democracia”, sendo essa, a democracia empregada em países com regime econômico de cunho capitalista, considerada a “democracia real” pelos grupos conservadores, aquela não existente em países comunistas; e “defesa da liberdade e da fé religiosa”, que evocam tradições cristãs e liberais.

Ainda nesta edição, na décima página, o mesmo título mencionado encontra-se presente. Abaixo dele, com os dizeres: *PROCLAMAÇÃO AO POVO*, situa-se o seguinte texto:

Povo do Brasil, A Pátria, imensa e maravilhosa, que Deus nos deu, está em extremo perigo. (...) Deixaram infiltrar-se no corpo da Nação, na administração, nas Forças Armadas e até nas nossas igrejas os servidores do poder totalitário, estrangeiro e devorador. Não defendemos a nossa casa enquanto era tempo, quando era fácil, e, agora, as forças do mal, da mentira e da demagogia ameaçam a própria vida da família brasileira. Mas hoje, na praça pública, no dia da família, essa multidão imensa veio, espontaneamente, responder ao chamado das mulheres brasileiras (...). Reformas, sim, nós as faremos, a começar pela reforma da nossa atitude. De hoje em diante os comunistas e seus aliados encontrarão o povo de pé. (...) Fiéis às nossas religiões, fiéis à nossa Constituição, fiéis à nossa pátria - construiremos o

---

<sup>110</sup> Ibid., p. 166.

<sup>111</sup> *O Globo*, 20/03/1964. p. 1.

Brasil autêntico, livre, forte e feliz. Com Deus, pela Liberdade, marchemos para a salvação da Pátria!<sup>112</sup>

O caráter anticomunista do evento, já implícito no nome escolhido para designá-lo, é esclarecido neste texto através da ótica nacionalista, ao acusar os “seres subversivos”, estranhos em nosso país, de atentarem contra os valores brasileiros mais importantes, valores estes opostos aos das nações comunistas.

Após o movimento a de São Paulo, manifestações semelhantes foram marcadas em diversas cidades do país. Em 28 de março, por exemplo, uma notícia convidava a população para outro evento. Nela é dito: *Na Marcha da Família o carioca expressará seu repúdio ao comunismo*. O ato foi apresentado ao público da seguinte maneira:

(...) o movimento é de caráter cívico-religioso, destinado a reafirmar os sentimentos do povo brasileiro, sua fidelidade aos ideais democráticos e seu propósito de prestigiar o regime, a Constituição e o Congresso, manifestando frontal repúdio ao comunismo ateu e antinacional.<sup>113</sup>

Novamente, neste trecho, é possível perceber todas as matrizes que definem o anticomunismo: a de cunho católica, no momento em que é dito que “o movimento é de caráter cívico-religioso (...)”, e quando é informado que será manifestado “frontal repúdio ao comunismo ateu (...)”; a matriz nacionalista, no momento em que é expresso que este comunismo é “antinacional”, ou seja, não se encaixa com as tradições brasileiras; e a matriz liberal, quando se afirma que o movimento busca “reafirmar (...) suas fidelidade aos ideais democráticos”, democracia essa que, como explicitado anteriormente, conecta-se com o conceito de liberdade econômica, sendo existente, segundo a crença dos setores conservadores anticomunistas, somente em países alinhados com o capitalismo.

Como desfecho, em 31 de março de 1964, é desencadeado um golpe de Estado no Brasil. Apoiados pelo clero conservador, pela imprensa, pelo empresariado e pela direita em geral, sob o pretexto de o país estar à sombra de uma possível tomada comunista, os militares iniciam a tomada do poder e a deposição de Jango. O presidente seguiu para o exílio no Uruguai, de onde só voltaria morto, doze anos depois, e o novo poder se instalou<sup>114</sup>.

---

<sup>112</sup> *O Globo*, 20/03/1964, p. 10.

<sup>113</sup> *O Globo*, 28/03/1964. Disponível em: < <https://gedm.ifcs.ufjf.br/upload/documentos/41.pdf> >. Acesso em: 29 jun. 2022.

<sup>114</sup> MOTTA, op. cit., p. 332.



Em 2 de abril, com o novo governo já instaurado, num editorial, *O Globo*, apresentando apoio total à queda de Goulart, comemora da seguinte maneira:

No momento em que o Sr. João Goulart ignorou a hierarquia e desprezou a disciplina de um dos ramos das Forças Armadas, a Marinha de Guerra, saiu dos limites da lei, perdendo, conseqüentemente, o direito a ser considerado como um símbolo da legalidade, assim como as condições indispensáveis à Chefia da Nação e ao Comando das corporações militares. [...] Atendendo aos anseios nacionais, de paz, tranquilidade e progresso, impossibilitados, nos últimos tempos, pela ação subversiva orientada pelo Palácio do Planalto, as Forças Armadas chamaram a si a tarefa de restaurar a Nação na integridade de seus direitos, livrando-os do amargo fim que lhe estava reservado pelos vermelhos que haviam envolvido o Executivo Federal. (...) Agora é a Nação tóda de pé, para defender as suas Fôrças Armadas, a fim de que estas continuem a defendê-la dos ataques e das insídias comunistas. Neste grave momento da História, quando os brasileiros, patriotas e democratas, vêem que não é mais possível contemporizar com a subversão, pois a subversão partindo do Govêrno fatalmente conduziria ao “Putsch” e à entrega do País aos vermelhos, elevemos a Deus o nosso pensamento, pedindo-lhe que proteja esta Pátria Cristã, que a salve da Guerra fratricida e que a livre da escravidão comuno-fidelista.<sup>115</sup>

Após derrubarem o presidente João Goulart, os militares tinham a opção de entregar o mandato presidencial para o presidente da Câmara dos Deputados Ranieri Mazzilli e convocar novas eleições. Trilhando esse caminho, o golpe de 1964 determinaria uma breve participação dos militares no rearranjo da vida política do país. No entanto, os executores do golpe acreditavam que a intervenção militar deveria ser mais significativa e duradoura. Assim, é estabelecido no Brasil o período que ficou conhecido como ditadura militar. Ou, por conta do apoio de parte da população na destituição do governo de Jango e durante o regime, ditadura civil-militar. Período este que durou 21 anos.

---

<sup>115</sup> *O Globo*, 02/04/1964 (editorial). p. 1.

## CAPÍTULO II - ANTIPETISMO

Em 2016, o anticomunismo é, de certa forma, presente. Isto é, levando em conta as alterações e adaptações socioculturais sofridas através do tempo, pode-se afirmar que ele se apresenta, atualmente, sob uma nova forma. Uma forma que mantém diversas semelhanças e exhibe diferenças pontuais com relação ao seu discurso original. Entende-se, assim, que a sociedade política brasileira neste momento não é explicitamente anticomunista como nos três períodos anteriores<sup>116</sup>, mas antipetista. Sendo o antipetismo, como já definido anteriormente, a recusa integral ao PT e a seus projetos e símbolos, é de significativa importância compreender a origem dessa repulsa exacerbada em relação ao partido de Dilma e Lula. Para isso, objetiva-se aqui, responder a seguinte pergunta: de onde vem o ódio direcionado ao PT?

Criado em 1980, nos anos finais do período da ditadura civil-militar, sendo derivado de movimentos políticos e sociais opostos a este período obscuro da história brasileira<sup>117</sup>, o PT governou o Brasil por cerca de 14 anos, entre 2003 e 2016 com dois mandatos consecutivos de Luís Inácio Lula da Silva e um mandato seguido de uma reeleição da primeira mulher presidente do Brasil, Dilma Rousseff. Ideais julgados como comunistas fizeram parte da estruturação, criação e desenvolvimento do PT, porém no decorrer de sua trajetória o partido passou por transformações, cisões e rupturas<sup>118</sup>. Dessa forma, entende-se que

(...) os governos Lula e Dilma, na análise de especialistas em política, de certa forma, estavam mais associados ao Neoliberalismo, que foi implantando no Brasil por Sarney, primeiro presidente civil pós ditadura, do que ao Socialismo ou mesmo o Comunismo como são taxados por alguns setores da opinião pública brasileira.<sup>119</sup>

Compondo o partido, após governar de 2010 a 2014, em 26 de outubro do mesmo ano, Dilma Vana Rousseff é reeleita presidenta do Brasil numa disputa acirrada contra Aécio

---

<sup>116</sup> “No que se refere às fases de anticomunismo agudo, três momentos se destacam: primeiro, o período entre 1935-37; depois, o início da Guerra Fria, principalmente nos anos de 1946 a 1950; por fim, a crise de 1964, que levou ao golpe militar”. (MOTTA, 2000, p. 7).

<sup>117</sup> BATISTA, A. C., 2017. p. 110.

<sup>118</sup> Ibidem.

<sup>119</sup> BATISTA, A. C. . *O anticomunismo brasileiro e a afirmação de um passado recomposto*. In: XI SEMANA DE HISTÓRIA UFES Golpes e Revoluções Utopia, Desilusão e Lutas Sociais, 2017, Vitória - ES. Anais da XI Semana de História UFES, 2017, p. 4. Disponível em: <<https://periodicos.ufes.br/semanadehistoria/article/view/23089/15660#:~:text=O%20PT%2C%20Partido%20dos%20Trabalhadores,2003%20e%202016%20com%20dois>>. Acesso em: 25 jun. 2022.

Neves, candidato do Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB). O resultado final foi de 51,64% dos votos para Dilma contra 48,36% para Aécio<sup>120</sup>.

Após menos de um ano e meio de governo, em 11 de abril de 2016, em meio a manifestações populares que pediam o afastamento da presidenta, foi aprovada, por uma comissão especial, a abertura do processo de impeachment contra Rousseff<sup>121</sup>, sob a acusação de a mesma ter praticado crime de responsabilidade<sup>122</sup>. No dia 17, após seis horas de sessão e por votação nominal, o Plenário da Câmara também autorizou a abertura do processo contra a ex-presidenta, que foi aprovado por 367 votos a favor, 137 votos contra e 7 abstenções. Em 12 de maio, o Senado também deu apoio a abertura do processo<sup>123</sup>. Como desfecho, em 31 de agosto de 2016, Dilma, eleita presidente com mais de 54 milhões de votos<sup>124</sup>, é afastada de seu cargo.

Considerado formalmente adequado pelas pessoas que o praticaram, visto que seguiu os ritos determinados pela constituição, o processo de *impeachment* contra a ex-presidenta vai muito além de um, extremamente questionável, suposto crime de responsabilidade por ela cometido.<sup>125126</sup>

<sup>120</sup> DILMA é reeleita presidente e amplia para 16 anos ciclo do PT no poder. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2014/noticia/2014/10/dilma-e-reeleita-presidente-e-amplia-para-16-anos-ciclo-do-pt-no-poder.html>>. Acesso em: 29 jun. 2022.

<sup>121</sup> “Em março, Eduardo Cunha instalou a nova comissão especial e os deputados Rogério Rosso (PSD-DF) e Jovair Arantes (PTB-GO) foram eleitos presidente e relator, respectivamente. Com o desenrolar do processo na Câmara, Dilma foi perdendo apoio de grandes partidos”. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2016/12/28/impeachment-de-dilma-rousseff-marca-ano-de-2016-no-congresso-e-no-brasil>>. Acesso em: 29 jun. 2022.

<sup>122</sup> ENTENDA os motivos que embasaram o processo de Impeachment contra Dilma Rousseff. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/radio/1/noticia/2016/04/25/entenda-os-motivos-que-embasaram-o-processo-de-impeachment-contradilma-rousseff>>. Acesso em: 25 jun. 2022.

<sup>123</sup> IMPEACHMENT de Dilma Rousseff marca ano de 2016 no Congresso e no Brasil. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2016/12/28/impeachment-de-dilma-rousseff-marca-ano-de-2016-no-congresso-e-no-brasil>>. Acesso em: 29 jun. 2022.

<sup>124</sup> APURAÇÃO DE VOTOS PARA PRESIDENTE. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2014/apuracao-votos-presidente.html>>. Acesso em: 25 jun. 2022.

<sup>125</sup> TORRES, 2020, p. 183.

<sup>126</sup> Para mais argumentos sobre o porquê o afastamento de Dilma deve ser considerado golpe e não impeachment, ver: TORRES, M. G. . *O Golpe de Estado no Brasil de 2016 nos Editoriais do Jornal O Globo*. In: Lorena Soler; Charles Quevedo; Alfredo Falero. (Org.). *Intelectuales, democracia y derechas*. 1ed. Buenos Aires: El Colectivo, 2020, v. 1, p. 181-2020. Disponível em: <[https://www.jstor.org/stable/j.ctv253f4g2.13#metadata\\_info\\_tab\\_contents](https://www.jstor.org/stable/j.ctv253f4g2.13#metadata_info_tab_contents)>. Acesso em: 25 jun. 2022.

Conforme Torres:

Nenhum ato de corrupção foi verificado contra a presidenta<sup>127</sup>, e as chamadas “pedaladas fiscais” foram praticadas por todos os presidentes anteriores a ela, não sendo considerado crime ou irregularidade, ou seja, apenas a partir daquele momento isso seria considerado crime de responsabilidade contrariando o princípio jurídico da anterioridade para qualquer conduta infracional<sup>128</sup>.

Percebe-se então, a existência de um fator adicional sustentando a hostilidade direcionada ao partido de Dilma, como também a ela mesmo, a figura de Lula, e, especialmente, a esquerda em geral. Estes encontram-se entre os principais alvos do ódio disseminado pelas elites conservadoras brasileiras. Segundo esta elite, “(...) as forças de esquerda trouxeram a corrupção como prática de governo”; “(...) a esquerda faz políticas para beneficiar pobres que não querem trabalhar”<sup>129</sup>; e etc. Mas qual seria este fator? Isto é, voltando à pergunta inicial: de onde vem o ódio direcionado ao PT?

Dois pontos respondem à essa pergunta. O primeiro: a aversão desenvolvida pelos setores de direita às camadas populares vinculada a repulsa destes a implantação de programas de distribuição de renda e políticas de inclusão em favor de grupos socialmente marginalizados pelos governos petistas. O segundo: a construção do ideal, através da concepção de uma linguagem específica, propagado principalmente pela mídia, que atrela o PT, inerentemente, a corrupção, em favor de outros partidos.

Acerca do primeiro ponto, ainda que os efeitos provocados através dos diversos programas sociais apresentem melhorias nos nossos indicadores sociais<sup>130</sup>, parte da insatisfação sentida pelos setores das classes médias baseia-se na sensação de terem sido esquecidos pelo Estado com base na percepção de que os governos petistas atenderam quase exclusivamente aos pobres. Não é à toa que durante as manifestações a favor do *impeachment*

<sup>127</sup> PRESIDENTE Dilma não cometeu qualquer crime que justifique o impeachment, afirmam juristas. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2016/05/03/presidente-dilma-nao-cometeu-qualquer-crime-que-justifique-o-impeachment-afirmam-juristas>>. Acesso em: 29 jun. 2022.

<sup>128</sup> TORRES, 2017, p. 169.

<sup>129</sup> SILVEIRA, Sérgio Amadeu da. *Direita nas redes sociais online*. In: CRUZ, Sebastião Velasco; KAYSEL, André; CODAS, Gustavo (Org.). *Direita, volver! O retorno da direita e o ciclo político brasileiro*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2015, p. 224. Disponível em: <<https://bibliotecadigital.fpabramo.org.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/270/Direita-volver-Final.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 25 jun. 2022.

<sup>130</sup> 8 dados que mostram impacto do Bolsa Família, que chega ao fim após 18 anos. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-59099166#:~:text=%22Os%20resultados%20refor%C3%A7am%20a%20evid%C3%Aancia,destacaram%20as%20pesquisadoras%2C%20no%20estudo.>>>. Acesso em: 25 jun. 2022.

Dilma, muitos manifestantes colocavam-se, de modo enfático, contrários a diversos programas de inclusão social, entre eles, o Bolsa Família e os programas de Cotas, considerados por estes setores uma forma de “sustentar vagabundos”<sup>131</sup>. Infere-se, a partir disso, que a perda de privilégios e de status são percebidos como agressão por parte daqueles que compõem as classes sociais mais altas.

Entre outras questões, o ódio ao PT e suas lideranças pode ser explicado através do ódio direcionado aos pobres, conceitualmente denominado de aporofobia. Como exposto por Luciana Silvestre Girelli, em *Mídia e clima político no Brasil: os discursos de ódio no pré-impeachment de Dilma Rousseff*, estando em conformidade com Emilio Martínez Navarro<sup>132</sup>, o termo aporofobia serve para nomear o sentimento de “rejeição ao pobre, ao desamparado, ao que precisa de alternativas, ao que carece de meios e recursos”<sup>133</sup>. Segundo Girelli:

Esse sentimento e atitude de medo e rejeição em relação aos mais necessitados são adquiridos socialmente a partir da difusão dos discursos que vinculam pessoas com poucos recursos financeiros à delinquência e a uma suposta ameaça à estabilidade e à ordem.<sup>134</sup>

De forma semelhante, Torres, em artigo já mencionado, em certo trecho, apresenta o termo “Náusea”, cunhado por Daniel Aarão para descrever o sentimento exalado pela classe média contra a “população não branca, vinda do operariado”<sup>135</sup>, que em 1964 estava se destacando no campo de lutas políticas. Termo este que, além de correlacionar-se ao conceito de aporofobia, complementando-o, descreve muito bem o sentimento existente entre a classe média no período mais próximo ao golpe contra Dilma.

O que reunia todas estas diferenças, para além da defesa da lei, da ordem e dos bons costumes? Tinham todos uma profunda aversão ao protagonismo crescente das classes trabalhadoras na história republicana brasileira depois de 1945. Não se tratava, muitas vezes, de algo racional. No mais das vezes, era uma reação instintiva, uma coisa epidérmica, uma náusea, um desgosto: ver aquelas gentes simplórias, subalternas, ascender a posições de influência e mando. Vindas não se

<sup>131</sup> MANIFESTANTES defendem o fim do Bolsa Família e o fim das cotas. Disponível em: <[https://youtu.be/r8Le09OY\\_SU](https://youtu.be/r8Le09OY_SU)>. Acesso em: 29 jun. 2022.

<sup>132</sup> NAVARRO, Emilio Martínez. *Aporofobia*. In: Jesús Conill (Coord.): Glosario para una sociedad intercultural. Valencia, Bancaja, 2002, p. 17-23.

<sup>133</sup> GIRELLI, L. S., 2018, p. 169.

<sup>134</sup> Ibidem.

<sup>135</sup> TORRES, 2017, p. 170.

sabia de onde, como que emergindo dos bueiros, estavam agora nos palácios, nas solenidades. Pessoas bregas, cafonas, não se vestiam direito, nem sabiam falar, como poderiam ser autorizadas a fazer política e a frequentar os palácios? Era urgente fazê-las voltar ao lugar de onde nunca deveriam ter saído: o andar de baixo.<sup>136</sup>

Segundo Torres, “não se pode deixar de pensar na ‘náusea’ dessas pessoas quando estudantes vindos de escolas públicas, negros e indígenas, agora começam a ter acesso a Universidade pública brasileira, com os programas sociais e cotas”<sup>137</sup>.

Ao citar o episódio em que uma professora debocha da aparência de passageiros presentes no aeroporto, afirmando que este “virou” rodoviária<sup>138</sup>, o historiador informa que, para essa elite, situações como essa causam “desconforto e ‘Náusea’”.

A respeito do segundo ponto, mediante Girelli, faz-se necessário analisar o papel da mídia na configuração do clima político do país e, mais especificamente, sua atuação no período que precedeu ao conteúdo desta pesquisa, o impeachment da presidenta Dilma.

De acordo a autora, a preocupação com a gestão da imagem e com o clima político nas sociedades atuais se intensificou através da atuação dos meios de comunicação de massa. Embora a política seja praticada de diversas maneiras, e por meio de diversos instrumentos, “a esfera da comunicação é predominante na formação das imagens e opiniões públicas políticas que interferem diretamente nos governos e nas eleições”<sup>139</sup>. É através desta esfera que a maioria da população tem acesso às informações sobre a vida política<sup>140</sup>. Girelli complementa ao citar um trecho da obra de Wilson Gomes<sup>141</sup>:

(...) a esfera da comunicação controla praticamente todo o provimento de informação e comunicação de interesse político e praticamente todo o fluxo de mensagens da esfera política em direção à esfera civil, constituindo-se fundamentalmente na única janela para a realidade política para a maioria dos cidadãos.<sup>142</sup>

<sup>136</sup> Ibidem apud REIS FILHO, Daniel Aarão. *O colapso do colapso do populismo ou a propósito de uma herança maldita*. In: FERREIRA, Jorge (Org.). *O populismo e sua história: debate e crítica*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001, p. 319- 377.

<sup>137</sup> TORRES, op. cit., p. 170.

<sup>138</sup> PROFESSORA da PUC debocha de passageiros ‘pobres’ em aeroporto. Disponível em: <<https://www.pragmatismopolitico.com.br/2014/02/professora-da-puc-debocha-de-passageiros-pobres-em-aeroporto.html>>. Acesso em: 25 jun. 2022.

<sup>139</sup> GIRELLI, L. S., 2018, p. 159.

<sup>140</sup> Ibidem.

<sup>141</sup> Ibidem apud GOMES, Wilson. *Sobre a transformação da política na era da comunicação de massa*. In: COMPÓS, 13., 2004. São Bernardo do Campo, SP. Anais... São Bernardo do Campo. p. 16.

<sup>142</sup> Ibidem.

A autora declara que, segundo Venício Artur de Lima<sup>143</sup>, no Brasil, a atuação da mídia em relação à política e aos políticos tem sido marcada por sua incisiva desqualificação e que essa forma de agir traz inúmeras consequências às outras instituições democráticas.

Ao agirem dessa forma, também boicotam as instituições representativas clássicas da democracia representativa – associações, sindicatos, partidos políticos – e colocam em questão, até mesmo, a necessidade de sua existência, além de implicitamente desestimularem – por inútil – a participação popular direta nestas instituições. Em resumo, trabalham contra a própria democracia em nome da qual se apresentam publicamente e que dizem defender.<sup>144</sup>

Na visão de Lima, o interesse nesse tipo de desqualificação parte da necessidade dos meios de comunicação em se posicionarem como mediadores entre a população e o espaço público, como também do interesse de se constituírem na única instituição com crédito para fazer esse tipo de mediação.<sup>145</sup>

Dessa forma, ao mesmo tempo em que se constitui como a principal janela por meio da qual os cidadãos têm acesso aos acontecimentos políticos, a mídia atua, muitas vezes, de forma a desqualificá-los. Como exemplo, Girelli destaca a abordagem de grupos midiáticos em relação ao PT desde o episódio do “mensalão”<sup>146</sup>, em 2005, até o desfecho do impeachment de Rousseff, em 2016.<sup>147</sup>

Girelli, ainda em conformidade com Lima, informa que “o fato mais relevante na construção da hegemonia política dos últimos anos”<sup>148</sup> foi a construção, pela mídia, de uma linguagem nova, “seletiva e específica”<sup>149</sup>, que passou a ser reproduzida por grande parte dos brasileiros, passando a se referir tanto aos réus do caso “mensalão”, como, mais recentemente, ao incidente da “Operação Lava Jato”<sup>150</sup>, especialmente, se estes estiverem relacionados ao PT. Segundo Lima,

<sup>143</sup> LIMA, Venício A. de. *A direita e os meios de comunicação*. In: CRUZ, Sebastião Velasco e, KAYSEL, André e CODAS, Gustavo (Org.). *Direita, volver! O retorno da direita e o ciclo político brasileiro*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2015, p. 91-113.

<sup>144</sup> GIRELLI, L. S., 2018, p. 160 apud LIMA, Venício A., 2015, p. 101.

<sup>145</sup> GIRELLI, L. S., 2018, p. 160.

<sup>146</sup> “Nome atribuído pela mídia aos casos de pagamento de propina feito a parlamentares para a aprovação de projetos durante o governo de Luiz Inácio Lula da Silva”. (GIRELLI, L. S., 2018, p. 160).

<sup>147</sup> Ibidem.

<sup>148</sup> Ibidem.

<sup>149</sup> Ibidem.

<sup>150</sup> “A operação Lava Jato é uma operação da Polícia Federal (PF) que investiga esquemas bilionários de corrupção envolvendo a Petrobrás, diversas empreiteiras e políticos de diferentes partidos”. Disponível em: <<https://tudo-sobre.estadao.com.br/operacao-lava-jato>>. Acesso em: 11 jul. 2022.

Nos últimos anos, “mensalão” passou a ser “um esquema de corrupção” e tornou-se “mensalão do PT”, enquanto situações idênticas e anteriores, raramente mencionadas, foram identificadas pela geografia e não pelo partido político (“mensalão mineiro”). Como resultado foi se construindo sistematicamente uma associação generalizada, seletiva e deliberada entre corrupção e os governos Lula e o PT, ou melhor, seus filiados e/ou simpatizantes.<sup>151</sup>

Girelli continua:

Em uma analogia, Lima afirma que as palavras “petistas” e “mensaleiros” mencionadas pela mídia passaram a equivaler a “comunistas”, “subversivos” e “terroristas” no período da ditadura militar no Brasil (1964- 1985). As primeiras palavras mencionadas passaram a designar inimigos públicos e a ser sinônimos de corruptos e desonestos.

Por fim, focando especificamente no governo de Dilma, Girelli se utiliza da perspectiva trazida por Flávia Biroli<sup>152</sup> para complementar, através da crise econômica existente em 2016, o ponto de vista apresentado por Lima. Ela afirma que a crise e o golpe contra Rousseff são apresentados de forma bastante homogênea pelos meios de comunicação. Mediante Biroli, Girelli destaca que, nas mídias, os temas predominantes eram

(...) a corrupção e a crise econômica. A falta de sustentação e a incapacidade política de Rousseff para manter o apoio no Congresso foram apresentadas como um subtexto do segundo tema; teríamos um governo fraco para superar a crise (econômica) na direção presumida largamente, nos mesmos veículos, como a correta.<sup>153</sup>

Assim, Biroli lista dois prováveis motivos capazes de explicar o papel da mídia na crise e no golpe de 2016. O primeiro, já apresentado através da visão de Lima, foi a atuação da grande mídia, desde a crise do “mensalão”, em torno de denúncias de corrupção com foco quase que exclusivamente em torno do PT e em favor de determinados candidatos e

<sup>151</sup> GIRELLI, L. S., op. cit., p. 160.

<sup>152</sup> BIROLI, Flávia. A mídia, a crise e o golpe. Revista Dialética, Salvador, v. 8, ano 7, p. 30-34, mar. 2017.

<sup>153</sup> GIRELLI, L. S., op. cit., p. 161.



partidos<sup>154</sup>. Porém, com a vitória de Rousseff nas eleições de 2014, acentuou-se, então, um novo motivo, através de um segundo discurso, “o de que ela era incapaz de superar a crise econômica pela qual passava o país”<sup>155</sup>.

Acerca destes motivos, Torres, em trabalho que investiga o golpe de 2016 através da análise de cinco editoriais publicados pelo *O Globo*<sup>156</sup>, ao se referir ao texto de um desses editoriais, intitulado *Um passo para o impeachment*<sup>157</sup>, que acusa o PT de “má gestão ética e econômica”<sup>158</sup> ao declarar que o partido foi “patrocinador de uma catástrofe ética e uma hecatombe econômica”<sup>159</sup>, complementa a visão de Biroli ao afirmar que, de fato, era “(...) inegável que o Brasil estava em crise, mas chamar de hecatombe econômica era por conta da rivalidade política”<sup>160</sup>. Por meio de Daniel Alvim<sup>161</sup>, ele desenvolve: “A construção do discurso de que passávamos pela maior crise econômica da história fazia questão de esquecer a concentração de renda e a fome durante a ditadura militar, assim como a superinflação durante os governos Sarney”<sup>162</sup>.

A questão ética também é comentada pelo historiador. Em concordância com ele, entende-se que “(...) o Partido dos Trabalhadores se envolveu em escândalos de corrupção, porém a Lava Jato mostrava que praticamente todos os partidos, inclusive PMDB de Temer e PSDB de Aécio estariam envolvidos em corrupção”<sup>163</sup><sup>164</sup>, mas, como expresso, o foco proporcionado pelas mídias às questões que envolviam corrupção, eram quase que exclusivamente associados ao PT, construindo, assim, um imaginário, atrelado a falta de ética, em torno do partido.

Girelli, em seu artigo, ao final, informa, mediante Biroli, que, progressivamente, tais discursos passavam “(...) a ser de normalização da exceção, isto é, de justificação para a

<sup>154</sup> A mesma coisa ocorreu durante a Lava-Jato, onde a atenção foi dada ao PT, porém, todos os partidos, inclusive PMDB de Temer e PSDB de Aécio estariam envolvidos no esquema de corrupção. (TORRES, 2020, p. 196).

<sup>155</sup> GIRELLI, L. S., op. cit., p. 161.

<sup>156</sup> TORRES, M. G. . *O Golpe de Estado no Brasil de 2016 nos Editoriais do Jornal O Globo*. In: Lorena Soler; Charles Quevedo; Alfredo Falero. (Org.). *Intelectuales, democracia y derechas*. 1ed. Buenos Aires: El Colectivo, 2020, v. 1, p. 181-2020. Disponível em: <[https://www.jstor.org/stable/j.ctv253f4g2.13#metadata\\_info\\_tab\\_contents](https://www.jstor.org/stable/j.ctv253f4g2.13#metadata_info_tab_contents)>. Acesso em: 25 jun. 2022.

<sup>157</sup> In: O GLOBO. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/opiniao/um-passo-para-impeachment-19112524>> Acesso em: 25 jun. 2022.

<sup>158</sup> TORRES, 2017, p. 196.

<sup>159</sup> Ibidem.

<sup>160</sup> Ibidem.

<sup>161</sup> ALVIM, Daniel Horta 2016 *Mobilizações contra a fome: 1978-1988*. Tese de Doutorado em História. Niterói.

<sup>162</sup> TORRES, op. cit., p. 196. apud ALVIM, Daniel Horta, 2016.

<sup>163</sup> TORRES, 2017, p. 196.

<sup>164</sup> EM quatro anos, Lava-Jato já alcançou 14 partidos. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/politica/em-quatro-anos-lava-jato-ja-alcancou-14-partidos-22569538>>. Acesso em: 11 jul. 2022.

interrupção do governo eleito e/ou para a deposição de Dilma Rousseff (...)”<sup>165</sup>. De forma semelhante, em sua pesquisa, Torres, ao focar em um grupo midiático específico, no caso, *O Globo*, explicita que a luta deste, assim como a de outros<sup>166</sup>, “(...) era para que o governo acabasse antes de 2018”<sup>167</sup>.

---

<sup>165</sup> GIRELLI, L. S., 2018, p. 161.

<sup>166</sup> “A grande imprensa à época de 1964 apoiou o golpe com vários editoriais. Podemos citar: o Globo, a Folha de São Paulo e o Correio da Manhã, jornais que também apoiaram o ‘impeachment’”. (TORRES, 2017, p. 169).

<sup>167</sup> TORRES, 2018, p. 195.

### CAPÍTULO III - ANTIPETISMO, UMA READAPTAÇÃO DO ANTICOMUNISMO?

Neste capítulo, a proposta é analisar o discurso antipetista à luz da tradição anticomunista. Em essência, as matrizes que sustentam o discurso anticomunista (catolicismo, liberalismo e nacionalismo), propostas por Motta, serão retomadas para uma análise dos artigos produzidos por Rodrigo Constantino, notável representante da direita atual, que, durante o período do governo Dilma, foi, dentre outros jornais, colunista do jornal *O Globo*.

Opositor ferrenho do governo em questão, Constantino escreveu diversos artigos e textos em repúdio ao PT, sempre buscando conectar o anticomunismo tradicional às lutas contra o projeto petista de poder. Junto a outros representantes da direita recente, entre eles Olavo de Carvalho, Reinaldo Azevedo e Diogo Mainardi<sup>168</sup>, Constantino, além de ter escrito livros de cunho antiesquerdista<sup>169</sup>, atua tanto na mídia tradicional, como nas redes sociais<sup>170</sup>, e compõe ao que Motta chama de “a nova literatura da direita, um fenômeno de mercado que algumas editoras comerciais têm buscado”<sup>171</sup>.

Partindo para a análise dos artigos, sendo o primeiro publicado em 01 de março de 2016, poucos dias antes da grande manifestação pró-impeachment de Dilma, nomeado *Os comunistas quase venceram*, Constantino vincula o comunismo ao Partido dos Trabalhadores, como se o segundo fosse a reencarnação do primeiro. Ao referir-se, vagamente, ao que tudo indica, ao investimento feito pelo BNDES na construção de Mariel, um porto cubano<sup>172</sup>, ele diz: “Os comunistas, que a grande imprensa ainda se recusa a chamar pelo nome, ainda estão no poder em vários países. Ao que tudo indica, o eixo central era mesmo o PT, usando os recursos nacionais para financiar seus companheiros em outros países. A Odebrecht, com financiamento do BNDES, era a grande fonte de caixa da turma (...)”<sup>173</sup>.

---

<sup>168</sup> “Trata-se de grupo muito influente na formação da opinião de direita, atuando tanto na mídia tradicional como nas chamadas redes sociais. Todos publicaram coletâneas de seus textos divulgados originalmente na mídia, aliás, livros com alta vendagem”. (MOTTA, 2018, p. 8).

<sup>169</sup> “*Contra a maré vermelha: Um liberal sem medo de patrulha*” e “*Esquerda Caviar: A hipocrisia dos artistas e intelectuais progressistas no Brasil e no mundo*”, sendo que, neste segundo, de acordo com Motta, o autor chega até a associar o esquerdismo à histeria. (Ibid., p. 11).

<sup>170</sup> Constantino tem mais de um milhão de seguidores em uma delas, o Twitter. Disponível em: <<https://twitter.com/Rconstantino>>. Acesso em: 10 jul. 2022.

<sup>171</sup> MOTTA, op. cit., p. 8.

<sup>172</sup> PRESIDENTE do BNDES explica atuação na construção de porto em Cuba. Disponível em: <<https://www.camara.leg.br/tv/434968-presidente-do-bndes-explica-atuacao-na-construcao-de-porto-em-cuba/>>. Acesso em: 10 jul. 2022.

<sup>173</sup> CONSTANTINO, Rodrigo. *Os Comunistas quase venceram*. 2016. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/opiniaos/os-comunistas-quase-venceram-18777121>>. Acesso em: 12 jul. 2022.

Em outro trecho, o autor exalta símbolos do comunismo clássico, sempre atrelando-os aos governos petistas e seus representantes. Entre eles: o Muro de Berlim, que representou uma contraposição física e ideológica entre o capitalismo e o socialismo até sua derrubada em 1989; a figura de Fidel Castro, revolucionário comunista e governante de Cuba, que Constantino faz questão de relacionar a figura do ex-presidente Lula ao citar a fundação do Foro de São Paulo<sup>174</sup>; e o “perigo estrangeiro”, retratado através do “bolivarianismo”<sup>175</sup>, o comunismo em sua nova forma, que estaria presente em países da América Latina, Venezuela e Cuba destacam-se entre eles. Aqui, percebe-se o resgate de um anticomunismo de matriz nacionalista. Isto é, como expresso no capítulo anterior, se antes o “perigo estrangeiro” era representado pela URSS, posição ocupada posteriormente por China e Cuba, atualmente, no Brasil, ela é representada através do Foro de São Paulo e dos bolivarianos<sup>176</sup>.

Quando caiu o vergonhoso Muro de Berlim e ficou claro para o mundo que o comunismo era um retumbante fracasso, Lula e Fidel Castro se juntaram para fundar o Foro de São Paulo e tentar recriar na América Latina o que havia se perdido no Leste Europeu. Está tudo documentado, e não dá para negar o sucesso de ambos: vários países do continente caíram nas garras desses comunistas, sob a nova embalagem de “socialismo do século XXI” ou “bolivarianismo”. (...) o PT usou as elites, enriqueceu empreiteiros e banqueiros, mas é exatamente isso que todo comunista sempre fez. Seu discurso é populista, em prol do coletivo, da “igualdade”, enquanto sua prática sempre criou ampla igualdade na miséria para a imensa maioria, e uma casta de nababos no poder. Basta ver a Venezuela ou Cuba, o ícone dessa gente.<sup>177</sup>

Adiante, Constantino contrapõe os valores compreendidos por ele como comunistas ao evocar pontos defendidos pelos ideais liberais (“livre mercado”, “privatização”) que

<sup>174</sup> “Para os publicistas de direita o Foro de SP representa uma grande conspiração internacional para implantar ditaduras comunistas na América Latina, residindo aí, na sua perspectiva, a explicação para a ascensão de governos de esquerda nos anos 2000. O aspecto mais agudo desse ataque é associar o PT aos “narcotraficantes das FARC” e aos bolivarianos liderados por Hugo Chávez”. (MOTTA, 2018, p. 13).

<sup>175</sup> “O termo provém do nome do general venezuelano do século 19 Simón Bolívar, que liderou os movimentos de independência da Venezuela, da Colômbia, do Equador, do Peru e da Bolívia. Convencionou-se, no entanto, chamar de bolivarianos os governos de esquerda na América Latina que questionam o neoliberalismo e o Consenso de Washington (doutrina macroeconômica ditada por economistas do FMI e do Banco Mundial)”. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/politica/o-que-e-bolivarianismo-2305/>>. Acesso em: 12 jul. 2022.

<sup>176</sup> “O Foro de SP e os bolivarianos ocuparam o lugar da URSS no quesito perigo estrangeiro”. (MOTTA, 2018, p. 19).

<sup>177</sup> CONSTANTINO, Rodrigo. *Os Comunistas quase venceram*. 2016. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/opiniaos-comunistas-quase-venceram-18777121>>. Acesso em: 12 jul. 2022.

apoia<sup>178</sup>, com o objetivo de atrelar o comunismo, segundo ele, intrinsecamente presente no espectro da esquerda em geral, à existência da corrupção dentro dos governos petistas, como se tal problema não existisse em governos orientados à direita. Ele faz isso ao citar os escândalos presentes em tal governo. Constantino afirma que “o problema está na ideologia”:<sup>179</sup>

A concentração de poder no Estado em nome da “justiça social”, o ataque ao empreendedorismo e ao lucro, a condenação do livre mercado e da privatização, o enaltecimento do sindicalismo, essas são bandeiras que invariavelmente levam ao mensalão, ao petrolão e à inflação.<sup>180</sup>

O autor fecha seu texto citando Alain Besançon, autor de *A infelicidade do século*, em uma comparação entre o nazismo e comunismo<sup>181</sup>, sempre interligando este último às esquerdas e seus representantes. Segundo Motta, uma estratégia típica vinda da guerra fria, que associa os comunistas ao fascismo. Semelhante ao feito por Constantino, para Olavo de Carvalho<sup>182</sup>, “Hitler era de esquerda”.<sup>183</sup>

Tal estratégia baseia-se também na divulgação de números superlativos da violência dos governos comunistas. Para Constantino, por exemplo, tais governos seriam responsáveis pela morte de 100 milhões de pessoas, enquanto para Reinaldo Azevedo<sup>184</sup> foram 200

<sup>178</sup> Em sua página no twitter, Constantino se declara liberal: “Economista, comentarista, liberal com viés conservador (...)”. Disponível em: <<https://twitter.com/rconstantino>>. Acesso em: 12 jul. 2022.

<sup>179</sup> CONSTANTINO, Rodrigo. *Os Comunistas quase venceram*. 2016. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/opiniaos-comunistas-quase-venceram-18777121>>. Acesso em: 12 jul. 2022.

<sup>180</sup> Ibidem.

<sup>181</sup> Não é a primeira vez que Constantino se utiliza de uma comparação entre nazismo e comunismo para desqualificar as esquerdas e seus representantes. Em artigo nomeado *Um Líder Carismático*, publicado em 2006, ele compara a biografia de Lula a de Adolf Hitler. Disponível em: <<https://www.institutoliberal.org.br/biblioteca/artigos-gerais/colaboradores/um-lider-carismatico/>>. Acesso em: 12 jul. 2022.

<sup>182</sup> “Olavo de Carvalho nasceu em Campinas, São Paulo, em 1947. Não teve carreira acadêmica formal, mas se dedicou aos estudos de forma autodidata e passou a ensinar filosofia de forma acadêmica. Ficou conhecido a partir da década de 1980, quando passou a escrever para jornais como Folha de S. Paulo e O Globo. Foi astrólogo e ministrou cursos de filosofia, política e esoterismo. Olavo de Carvalho ficou conhecido por ser anticomunista e pela recusa ao que chamava de politicamente correto e é apontado como responsável pelo nascimento da Nova Direita brasileira”. *QUEM era Olavo de Carvalho, guru do governo Bolsonaro, morto aos 74 anos*. Correio Braziliense. Disponível em: <<https://www.correiobraziliense.com.br/brasil/2022/01/4980044-quem-era-olavo-de-carvalho-guru-do-governo-bolsonaro-morto-aos-74-anos.html>>. Acesso em: 10 set. 2022.

<sup>183</sup> MOTTA, 2018, p. 19.

<sup>184</sup> “Reinaldo Azevedo se constituiu um dos principais porta-vozes do Anticomunismo, na forma do Antipetismo, nos espaços virtuais, produzindo discurso e cedendo espaço para a fomentação do espectro Antipetista na mídia brasileira. Reinaldo Azevedo começou a trabalhar na VEJA.COM em 2006, entre o primeiro e o segundo mandato do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, sob Governo do PT. Seus anos de trabalho em VEJA.COM tornam Reinaldo Azevedo uma figura emblemática da produção de Anticomunismo na Imprensa de Referência brasileira”. Daltoé, Julius Hericky Hafemann. *Reinaldo Azevedo em VEJA online: um intelectual a serviço da construção do antipetismo*. RESUMO DAS DISSERTAÇÕES DEFENDIDAS. Tempos

milhões.<sup>185</sup> “Uma conta que é debitada também, sem qualquer constrangimento, no passivo do Partido dos Trabalhadores, afinal, para esses autores ‘as seduções do demônio totalitário estão ativas e plasmadas no PT’”.<sup>186</sup> Conforme Constantino:

O comunismo é mais perverso que o nazismo porque ele não pede ao homem que atue conscientemente como um criminoso, mas, ao contrário, se serve do espírito de justiça e de bondade que se estendeu por toda a terra para difundir em toda a terra o mal. Cada experiência comunista é recomeçada na inocência”. Basta ver a juventude boboca atraída pelo comunista Bernie Sanders nos Estados Unidos. Esses comunistas são criminosos, abusam da juventude de forma asquerosa.<sup>187</sup>

Em 15 de março, dois dias depois das grandes manifestações, em publicação nomeada *Acabou PT!*, também divulgada através de sua coluna em *O Globo*, Rodrigo Constantino comemora a presença das grandes massas que compareceram aos eventos que apoiaram o golpe sofrido por Dilma: “Milhões de patriotas cumpriram seu dever cívico e lotaram dezenas, centenas de cidades país afora”.<sup>188</sup>

Nela, celebra, mais uma vez, princípios liberais ao enaltecer o livre mercado, a meritocracia, ao valorizar o setor privado e ao exaltar a juventude que participou do movimento proclamando mensagens liberais; resgata também o anticomunismo de base nacionalista ao repudiar figuras representativas de governos socialistas, neste caso, Che Guevara:

Dilma vai cair, e essa turma medíocre terá que procurar emprego no livre mercado, onde reina a meritocracia. (...) Foi lindo ver tantos jovens empunhando cartazes com mensagens liberais. A vanguarda não quer mais saber de Che Guevara e porcarias do tipo. Quer capitalismo, livre mercado, o direito de empreender sem um ambiente tão hostil ao lucro e ao setor privado.<sup>189</sup>

---

Históricos, Volume 21, 2º Semestre de 2017, p. 581-582, e-ISSN:1983-1463. p. 581. Disponível em: <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/temposhistoricos/article/viewFile/18481/12172>>. Acesso em: 10 set. 2022.

<sup>185</sup> MOTTA, op. cit., p. 19.

<sup>186</sup> Ibidem apud AZEVEDO, Reinaldo. *O país dos petralhas*. 3 ed. Rio de Janeiro: Record, 2008, p. 8.

<sup>187</sup> CONSTANTINO, Rodrigo. *Os Comunistas quase venceram*. 2016. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/opiniaos-comunistas-quase-venceram-18777121>>. Acesso em: 12 jul. 2022.

<sup>188</sup> CONSTANTINO, Rodrigo. *Acabou, PT!*. 2016. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/opiniaos-acabou-pt-18875964>>. Acesso em: 12 jul. 2022.

<sup>189</sup> Ibidem.

Em certo trecho, se utiliza do imaginário cristão construído em torno do comunismo, ao evocar uma figura bastante peculiar integrante da crença cristã: o diabo. Ele se utiliza dessa figura para referir-se ao posicionamento daqueles que não assumiram um lado durante as passeatas pró-impeachment, mais especificamente, o lado por ele considerado como o correto: do afastamento da presidenta de seu cargo. Segundo Constantino: “o muro pertence ao diabo. Os ‘neutros’, os que bancam os ‘isentos’ e ‘imparciais’, não passam de petistas enrustidos. (...) A “neutralidade” hoje é petista”.<sup>190</sup>

Não é a primeira vez que Constantino exalta essa mesma figura da crença cristã para representar o anticomunismo, relacionado por ele, repetidamente e intrinsecamente, ao petismo, seus preceitos e seus líderes.

No mesmo jornal *O Globo*, em 02 de fevereiro de 2016, num artigo intitulado *O Inimigo do Brasil*, onde discorre críticas virulentas direcionadas ao ex-presidente Lula, além de rememorar, mais uma vez, o anticomunismo de matriz nacionalista ao repudiar a China<sup>191</sup> e Fidel Castro,<sup>192</sup> o autor destaca uma frase que repetiu em diversos outros textos de sua autoria.<sup>193</sup> Creditada a Arthur Schopenhauer, filósofo alemão do século XIX, ela diz: “Quem espera que o diabo ande pelo mundo com chifres será sempre sua presa”.

Ao explicar o sentido que dá a frase, em outro texto de sua autoria, nomeado *A Sabedoria de Schopenhauer*<sup>194</sup>, se utilizando da contraposição existente entre as palavras “paraíso” e “inferno”, que também fazem parte do imaginário cristão, e rememoram os princípios morais dualistas daquilo que é considerado “bem” e “mal” em sociedades majoritariamente cristãs, princípios estes, de acordo com Motta e Rodeguero, difundidos principalmente pela Igreja. Ele afirma:

<sup>190</sup> Ibidem.

<sup>191</sup> Ao renegar a existência dos avanços sociais trazidos pelo PT durante o governo Lula, Constantino diz: “Não houve “avanços sociais” como boa parte da imprensa ainda insiste. O que aconteceu foi o fenômeno China, puxando o preço das commodities e enchendo os cofres do governo. Lula pegou esse bilhete de loteria e usou para a compra de votos, para fomentar uma bolha artificial, para endividar o Estado e as famílias brasileiras”. CONSTANTINO, Rodrigo. *Acabou, PT!*. 2016. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/opiniao/acabou-pt-18875964>>. Acesso em: 12 jul. 2022.

<sup>192</sup> “São cerca de 30 anos em que Luiz Inácio Lula da Silva age contra os interesses nacionais, prejudicando o Brasil, perpetuando nossas misérias e corroendo nossas instituições republicanas. E não pense que é exagero: o poder de um indivíduo, para o bem ou para o mal, não pode ser desprezado. Thatcher e Reagan fizeram muito para salvar seus respectivos países, enquanto Fidel Castro, camarada de Lula, destruiu e escravizou uma nação inteira por mais de meio século!”. CONSTANTINO, Rodrigo. *O inimigo do Brasil*. 2016. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/opiniao/o-inimigo-do-brasil-18586861>>. Acesso em: 12 jul. 2022.

<sup>193</sup> A frase de Schopenhauer foi utilizada por ele, além de outros, nos seguintes artigos: <<https://istoe.com.br/dr-evil-chega-ao-poder/>>; <<https://www.institutoliberal.org.br/biblioteca/artigos-gerais/colaboradores/um-lider-carismatico/>>; <<https://www.institutomillennium.org.br/a-sabedoria-de-schopenhauer/>>; <<https://oglobo.globo.com/opiniao/o-inimigo-do-brasil-18586861>>.

<sup>194</sup> CONSTANTINO, Rodrigo. *A sabedoria de Schopenhauer*. 2010. Disponível em: <<https://www.institutomillennium.org.br/a-sabedoria-de-schopenhauer/>> Acesso em: 12 jul. 2022.

Os verdadeiros inimigos não aparecem vestidos de lobos, mas sim de cordeiros. São os “altruístas”, que pensam apenas no “bem geral”, que pretendem viver em função dos mais pobres. Em suma, a verdadeira ameaça vem daqueles que prometem o paraíso, e costumam entregar o inferno.<sup>195</sup>

Ao concluir seu artigo, *Acabou PT!*, Constantino critica mais uma vez o ex-presidente Lula, atrelando as vitórias de seu governo a uma suposta intervenção chinesa, e proferindo um clássico ditado anticomunista: “O Brasil não será vermelho!”<sup>196</sup>.

Afinal, somos reféns do PT por longos e infindáveis 13 anos, o que parece uma eternidade. Como tanta gente caiu na ladainha populista de Lula é um mistério, que nem a “ajudinha” chinesa explica. Mas arrisco dizer que acabou. O martírio está perto do fim.<sup>197</sup>

O antipetismo ostentado por Rodrigo Constantino não é recente. Em 2010, ao discorrer acerca do Terceiro Programa Nacional de Direitos Humanos (PNDH-3), anunciado durante o decorrer do governo Lula, que teve, entre variados objetivos, o de “Promover a apuração e o esclarecimento público das violações de Direitos Humanos praticadas no contexto da repressão política ocorrida no Brasil (...), a fim de efetivar o direito à memória e à verdade histórica e promover a reconciliação nacional”,<sup>198</sup> Constantino utiliza, no início do artigo, a mesma frase de Schopenhauer explicitada anteriormente. E, se apropriando mais uma vez da palavra “inferno”, posicionando-se também em defesa das liberdades individuais, princípio de base liberal. Ele informa:

Todos conhecem a máxima de que o caminho para o inferno está cheio de boas intenções. Nada se aplica tão bem ao caso do Terceiro Programa Nacional de Direitos Humanos (PNDH-3), proposto por grupos de esquerda e assinado pelo governo Lula. Trata-se de um programa que propõe diretrizes ao governo, que aparentam um fim nobre, mas pode levar o país rumo a uma ditadura. Por baixo da

---

<sup>195</sup> Ibidem.

<sup>196</sup> CONSTANTINO, Rodrigo. *Acabou, PT!*. 2016. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/opiniao/acabou-pt-18875964>>. Acesso em: 12 jul. 2022.

<sup>197</sup> Ibidem.

<sup>198</sup> BRASIL. *DECRETO Nº 7.037, DE 21 DE DEZEMBRO DE 2009*. Aprova o Programa Nacional de Direitos Humanos - PNDH-3 e dá outras providências. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2009/decreto/d7037.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/decreto/d7037.htm)>. Acesso em: 12 jul. 2022.



embalagem bonita, faz uma concentração absurda de poder no governo, com a contrapartida da redução drástica das liberdades individuais.<sup>199</sup>

Ao falar sobre os pontos propostos pelo programa, além de considerar metas “autoritárias”, Constantino resgata mais uma vez o anticomunismo, e novamente aquele embasado em princípios nacionalistas, exaltando uma aversão aos governos de países como os da Venezuela e o da antiga União Soviética. Segundo ele, “‘desenvolvimento sustentável’, ‘responsabilidade social’, ‘reforma agrária’, ‘diversidade cultural’, todas são expressões belas, mas que na prática não dizem muita coisa objetiva. (...) Eis alguns pontos preocupantes do PNDH-3.’”<sup>200</sup>

Estimular a democracia direta: na realidade, isso representa o fim da democracia representativa, substituindo-a por plebiscitos manipulados por minorias organizadas ligadas ao governo, como ocorre na Venezuela; Controle social dos meios de comunicação: um claro eufemismo para censura e controle de imprensa, como faziam os conselhos na falida União Soviética, matando de vez a liberdade de expressão e o direito de escolha dos consumidores.<sup>201</sup>

Posicionando-se contra a instauração da Comissão da Verdade, que teve “por finalidade apurar graves violações de Direitos Humanos ocorridas entre 18 de setembro de 1946 e 5 de outubro de 1988”,<sup>202</sup> o autor se refere aos comunistas como terroristas<sup>203</sup>, alcunha largamente utilizada pelos anticomunistas,<sup>204</sup> e informa que essa seria uma tentativa do governo petista de heroificar esses seres subversivos. Segundo ele, a “Criação da Comissão da Verdade: no fundo, trata-se de uma tentativa escancarada de reescrever a história brasileira, transformando terroristas que lutavam pela ditadura comunista em heróis que lutavam pela democracia”<sup>205</sup>.

<sup>199</sup> CONSTANTINO, Rodrigo. *PANFLETO CONTRA O PNDH-3*. Instituto Millenium. Disponível em: <<https://www.institutomillenium.org.br/panfleto-contr-o-pndh-3-2/>>. Acesso em: 12 jul. 2022.

<sup>200</sup> Ibidem.

<sup>201</sup> Ibidem

<sup>202</sup> A CNV. Comissão Nacional da Verdade. Disponível em: <<http://cnv.memoriasreveladas.gov.br/institucional-acesso-informacao/a-cnv.html>>. Acesso em: 12 jul. 2022.

<sup>203</sup> Ao referir-se aos agentes de direita, Motta informa que “maioria desses propagandistas ataca o ‘terrorismo’ internacional, mas somente o praticado por muçulmanos e por guerrilheiros das FARC, e acusa o Partido dos Trabalhadores de ser cúmplice desses grupos”. (MOTTA, 2018, p. 12).

<sup>204</sup> “Em 1/10/1937, *O Jornal* anunciou um suposto plano de tomada comunista da seguinte forma: ‘Um plano terrorista do comunismo internacional para ser posto em execução no Brasil’”. (MOTTA, 2000, p. 272).

<sup>205</sup> CONSTANTINO, Rodrigo. *PANFLETO CONTRA O PNDH-3*. Instituto Millenium. Disponível em: <<https://www.institutomillenium.org.br/panfleto-contr-o-pndh-3-2/>>. Acesso em: 12 jul. 2022.

Conforme Luis Felipe Miguel, uma das características notáveis da política brasileira a partir de 2010, é o avanço do conservadorismo no debate público<sup>206</sup>. De acordo o autor, críticas pontuais feitas pelos conservadores aos “programas sociais, que estimulariam a preguiça e desencorajariam o esforço próprio, ganharam corpo como um discurso meritocrático que apresentava a desigualdade como a retribuição justa às diferenças entre os indivíduos”<sup>207</sup>. Dessa forma, através desse discurso meritocrático, clássica argumentação de base liberal, a aversão a programas sociais também é presente no texto de Constantino quando se refere ao Bolsa-Família e aos programas de Cotas.

Expansão do Bolsa-Família: mais impostos sobre a classe média para financiar o maior programa de compra de votos já visto neste país, que cria dependência em vez de dar dignidade através do trabalho; Fomentar ações afirmativas para negros e índios: as cotas raciais acabam segregando o país em “raças”, o que estimula o próprio racismo e desrespeita a Constituição, que claramente prega a igualdade perante as leis;<sup>208</sup>

No trecho acima, a compreensão de Constantino acerca do que seria racismo também é exposta. Para o articulista, “quando indivíduos passam a ser segregados com base na ‘raça’, concedendo-se privilégios para um grupo em detrimento de outro, o próprio racismo está sendo fomentado”<sup>209</sup>. Contrariando o histórico brasileiro de 388 anos de escravidão legalizada, sendo certo que a libertação dos povos escravizados foi realizada sem que lhes fosse oferecido qualquer amparo do poder público e da sociedade em geral, propiciando a marginalização desse grande contingente social, e levando em conta os 134 anos passados desde a abolição da escravatura, sendo possível observar, atualmente, que seus graves efeitos ainda são claramente observados em nosso país<sup>210</sup>, Constantino declara que racismo é “segregar a população pela cor da pele”<sup>211</sup> e não o fato de que a população negra, que

<sup>206</sup> MIGUEL, 2016, p. 600.

<sup>207</sup> Id., 2019, p. 108.

<sup>208</sup> CONSTANTINO, Rodrigo. *PANFLETO CONTRA O PNDH-3*. Instituto Millenium. Disponível em: <<https://www.institutomillennium.org.br/panfleto-contr-o-pndh-3-2/>>. Acesso em: 12 jul. 2022.

<sup>209</sup> CONSTANTINO, Rodrigo. *As cotas racistas*. Artigo publicado originalmente no *O Globo*, porém, mais tarde, republicado pelo autor na *Gazeta do Povo*. Disponível em: <<https://www.gazetadopovo.com.br/rodrigo-constantino/historico-veja/as-cotas-racistas/>>. Acesso em: 10 set. 2022.

<sup>210</sup> *BRASIL tem mais negros em universidades, mas eles são minoria nas empresas*. Disponível em: <<https://www.em.com.br/app/noticia/diversidade/2022/03/21/noticia-diversidade.1354302/brasil-tem-mais-negros-em-universidades-mas-eles-sao-minoria-nas-empresas.shtml>>. Acesso em: 10 set. 2022.

<sup>211</sup> CONSTANTINO, Rodrigo. *Cotas raciais: a segregação do país como legado do PT*. *Gazeta do Povo*. Disponível em: <<https://www.gazetadopovo.com.br/rodrigo-constantino/artigos/cotas-raciais-a-segregacao-do-pais-como-legado-do-pt/>>. Acesso em: 10 set. 2022.

representa metade do povo brasileiro, não ser nem metade nas instituições de ensino, nos cargos gerenciais, na presidência de empresas, nas novelas, filmes e propagandas comerciais.<sup>212</sup>

Em seguida, partindo, mais uma vez, em defesa da propriedade privada, direito primordial do liberalismo, colocando-se contra qualquer tipo de intervenção estatal, principalmente a econômica, e estando em favor da rejeição da cobrança de impostos, preceito também de cunho liberal<sup>213</sup>, sendo que, em seu texto, refere-se, com repúdio, especificamente ao processo de taxaço das grandes fortunas, tópicu levantado pelo PNDH<sup>214</sup>. Constantino expõe:

Atualizar o índice de eficiência na exploração agrária: se o agricultor não atingir metas de produtividade arbitrariamente definidas pelo governo, ele poderá perder suas terras, um claro desrespeito ao direito de propriedade privada; Políticas públicas de economia solidária: na prática, mais intervenção econômica, com o governo decidindo arbitrariamente quem ganha, em vez dos próprios consumidores fazerem isso por meio de trocas voluntárias; Criar um imposto sobre grandes fortunas: o efeito prático desta medida populista seria afugentar o capital do país, reduzindo a quantidade de novos empregos criados;

Por fim, ao concluir, o autor se posiciona, mais um vez, contra a PNDH-3 através dos princípios que norteiam o anticomunismo em sua forma atual, direcionado ao PT e alcunhado, conforme Motta, de antipetismo. Ele evoca percepções liberais por meio da “defesa das liberdades individuais”, da “propriedade privada”, tudo em detrimento do Estado; resgata o anticomunismo sob uma base nacionalista ao fazer comparações entre o Brasil e a Venezuela, sendo que, essa última estaria sob o controle de um “caudilho, Hugo Chávez”, e que tal perigo estaria se aproximando do nosso país; ele evoca também o anticomunismo de matriz cristã ao citar a frase Edmund Burke, que pressupõe a existência de uma luta entre um

<sup>212</sup> “Os negros (pretos e pardos) representam 56% da população brasileira, e, devido às políticas de cotas, o número de alunos negros no ensino superior cresceu quase 400%, entre 2010 e 2019, chegando a 38,15% do total de matriculados, segundo dados do site Quero Bolsa. Apesar disso, os negros ainda são minoria em cargos de liderança em empresas no Brasil”. *BRASIL tem mais negros em universidades, mas eles são minoria nas empresas*. Disponível em: <<https://www.em.com.br/app/noticia/diversidade/2022/03/21/noticia-diversidade.1354302/brasil-tem-mais-negros-em-universidades-mas-eles-sao-minoria-nas-empresas.shtml>>. Acesso em: 10 set. 2022.

<sup>213</sup> A rejeição a cobrança de impostos é um tópicu que compõe a corrente liberal. Para os que a seguem, “Impostos nada mais são do que roubo legalizado”. Disponível em: <<https://www.mises.org.br/Article.aspx?id=2725>>. Acesso em: 14 set. 2022.

<sup>214</sup> “Regulamentar a taxaço do imposto sobre grandes fortunas previsto na Constituição”. In: BRASIL. DECRETO Nº 7.037, DE 21 DE DEZEMBRO DE 2009. Aprova o Programa Nacional de Direitos Humanos - PNDH-3 e dá outras providências. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2009/decreto/d7037.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/decreto/d7037.htm)>. Acesso em: 12 jul. 2022.

“bem” e um “mal”, sendo que o bem estaria representado através dos conservadores e o mal através da esquerda, mais especificamente através dos petistas, estando esses, historicamente, e, segundo ele, intrinsecamente, atrelados aos comunistas.

(...) com os pontos listados acima já se pode ter uma ideia dos riscos que as liberdades individuais correm com o PNDH-3. No fundo, este projeto significa transformar o Brasil numa grande Venezuela, onde o caudilho Hugo Chávez concentra cada vez mais poder em nome da “justiça social”, com um resultado terrível para seu povo. Os verdadeiros direitos humanos são garantir a propriedade privada, as liberdades individuais básicas, o direito de cada um buscar sua própria felicidade sem a coerção do Estado. Justamente o contrário daquilo pregado pelo PNDH-3, que trata cada um de nós como um idiota que necessita da tutela estatal para tudo, sem capacidade de assumir a responsabilidade pelos rumos da própria vida. Vamos dar um basta a mais esta tentativa de nos transformar em rebanho bovino que precisa obedecer cegamente seu pastor, o “sábio” governo. Vamos mostrar que desejamos liberdade, e que lutaremos por ela. Não vamos aceitar passivamente esta ditadura velada, disfarçada com belas palavras. “Para o triunfo do mal, basta que as pessoas de bem nada façam”, alertou Edmund Burke. Vamos reagir!<sup>215</sup>

Em 09 de março, Constantino, através de um vídeo, faz um apelo a seus seguidores para que participem das manifestações que ocorreriam no domingo seguinte, dia 13. Ao comparar o PT com os outros partidos, informa que ele é, de fato, o partido mais corrupto que há, corroborando com a concepção apresentada anteriormente de que, através da mídia, houve uma construção sistemática em torno da imagem do PT, associando-o intrinsecamente à corrupção. Em certo trecho, Constantino diz:

(...) O PT tem um DNA autoritário, bolivariano, marxista e comunista. É membro do Foro de São Paulo, ou seja, é associado a ditadores como Fidel Castro e a grupos terroristas como as FARC. (...) É o PT que está lá fechando acordos com regimes nefastos como o Irã, como a Venezuela, como Cuba (...). Está em sua essência fazer o diabo para ficar no poder, ignorar totalmente as liberdades individuais, a própria democracia, as regras democráticas com todo seu cinismo e truculência. (...) O PT não é apenas como os outros, ele é muito pior, muito pior! (...) Ele é o (partido) mais corrupto de todos, como todos os escândalos colocam em evidência. Por ter então esse lado autoritário e totalitário é que que ignora totalmente qualquer tipo de

---

<sup>215</sup> CONSTANTINO, Rodrigo. *PANFLETO CONTRA O PNDH-3*. Instituto Millenium. Disponível em: <<https://www.institutomillennium.org.br/panfleto-contr-a-pndh-3-2/>>. Acesso em: 12 jul. 2022.

respeito e apreço pelas regras do jogo pela própria democracia e pela constituição (...).<sup>216</sup>

Novamente, percebe-se a evocação de princípios anticomunistas de cunho liberal, ao afirmar que é da natureza do partido ignorar totalmente as liberdades individuais; nacionalista, quando relaciona o autoritarismo existente em “governos comunistas” que, segundo ele, estariam presentes em países como Venezuela, Cuba e Irã; e, ligeiramente religiosos, no momento em que se utiliza do “diabo” para descrever as ações “desesperadas” praticadas pelo partido petista para se manter no poder.

### 3.1 - MANIFESTAÇÕES DE 13 DE MARÇO DE 2016

Em 13 de março de 2016, ocorre, em todo o Brasil, manifestações em prol do afastamento da presidenta Dilma Rousseff de seu cargo. Sob um forte surto de anticorrupção, exclusivamente focado na figura dos governos petistas e suas lideranças, os manifestantes, posicionando-se, em sua maioria, contra efetivação de políticas sociais, e a favor da remoção de Dilma de seu cargo, perante o pretexto de, a partir disso, além de suprimir a corrupção, haver também uma melhoria econômica, grupos conservadores semelhantes àqueles que participaram da *Marcha da Família com Deus pela Liberdade*,<sup>217</sup> voltam às ruas com a mesma retórica golpista, para derrubar um governo legitimamente eleito.

Retornando ao trabalho produzido por Torres, percebe-se, nas imagens analisadas, uma larga semelhança entre os discursos empreendidos nestas manifestações e na Marcha de 64.

---

<sup>216</sup> CONSTANTINO, Rodrigo. Por que você deve ir na manifestação de domingo. Disponível em: <<https://youtu.be/JhfinuTMN8Ck>>. Acesso em: 25 ago. 2022.

<sup>217</sup> “As marchas de 1964 foram organizadas por organizações da classe empresarial e classe média. Esse perfil foi o que dominou as marchas de 2016. Segundo pesquisas do Datafolha realizadas nas manifestações de 13 de março de 2016, 77% da população declara que tem curso superior. Também na porcentagem de 77% os entrevistados se declararam de cor branca. Mais da metade dos entrevistados afirma ter uma renda média de 5 a 20 salários mínimos. Muito diferente da maioria do município de São Paulo. Na vida real, da maioria das pessoas a cidade possui outros números. Apenas 28% dos paulistanos tem nível superior. Com relação à renda, apenas 23% das pessoas no município de São Paulo possuem a renda mensal acima mencionada. Além disso, na cidade de São Paulo, 37% da população se declara negra, sobrando 63% da população que se declara branca, número 14% menor do que daqueles que compareceram para pedir o golpe”. (TORRES, 2017, p. 170).

Imagem 4<sup>218</sup>

Nota-se, na imagem acima, as mesmas palavras da imagem 3. Em 2016, a aversão a Cuba, pautada em princípios liberais, que repudiam, principalmente, o modelo econômico cubano em prol do enaltecimento da propriedade privada e da liberdade individual, e fundamentada sob elementos nacionalistas, que enxergam costumes estrangeiros, especialmente aqueles atrelados a doutrinas de esquerda, como totalmente distantes da realidade brasileira, ainda é presente. Nesse período, para os que queriam imaginar provas da infiltração comunista nos governos petistas, a contratação de médicos cubanos para atender a regiões pobres e carentes de assistência à saúde no Brasil foi bastante útil<sup>219</sup>.

---

<sup>218</sup> Ibid., p. 171. apud COMO derrubar um Presidente. Disponível em: <<http://brasileiros.com.br/2016/08/como-derrubar-um-governo/>>. Acesso em: 13 jun. 2017.

<sup>219</sup> BOLSONARO diz que médicos cubanos queriam implantar guerrilha no Brasil <[https://www.em.com.br/app/noticia/internacional/2019/08/01/interna\\_internacional.1074176/bolsonaro-diz-que-medicos-cubanos-queriam-implantar-guerrilha-no-brasi.shtml](https://www.em.com.br/app/noticia/internacional/2019/08/01/interna_internacional.1074176/bolsonaro-diz-que-medicos-cubanos-queriam-implantar-guerrilha-no-brasi.shtml)>.



Imagem 5<sup>220</sup>

A representação do nacionalismo brasileiro, contrário ao vermelho estrangeiro, estampa cartazes de 1964 e de 2016. Assim como na imagem 1, percebe-se, na imagem acima, a frase “Verde e Amarelo Sem Foice e Martelo”. Como debatido, uma das mais expressivas manifestações simbólicas do fenômeno anticomunista, atualmente readaptado nas lutas antipetistas, é a oposição das cores nacionais, o verde-amarelo, ao vermelho da esquerda. Conforme Motta, entre outras frases e símbolos utilizados contra a esquerda em geral, “Nossa bandeira jamais será vermelha”, ecoou bastante também em milhares de posts nas redes sociais, e, como percebido na imagem exposta, sustentando tais cores, “uma massa de manifestantes a favor do impeachment de Rousseff foi às ruas com a tradicional camisa da seleção brasileira”<sup>221</sup>, ironicamente, “sem se importarem com a contradição de usar a camisa da CBF – uma das instituições mais corruptas do Brasil – em marchas supostamente motivadas pelo protesto contra a corrupção estatal”.<sup>222</sup>

<sup>220</sup> TORRES, op. cit., p. 174 apud “NOSSA bandeira verde e amarela, sem foice e martelo.” Disponível em: <<https://www.abim.inf.br/nossa-bandeira-verde-e-amarela-sem-foice-e-martelo/#.WUCxm2jyvIU>>. Acesso em: 14 jun. 2017.

<sup>221</sup> MOTTA, 2018, p. 1.

<sup>222</sup> Ibidem.



Imagem 6<sup>223</sup>

A imagem 6 representa muito bem a matriz católica anticomunista desenvolvida por Motta. “Aborto (que não é liberado no Brasil), Teologia da Libertação, feminismo, ‘Ideologia de Gênero’, tudo isso seriam exemplos de doutrinas defendidas pelo PT, tudo que estaria diferente da ordem religiosa, da ‘família tradicional brasileira’, patriarcal heterossexual”<sup>224</sup>. É perceptível, novamente, dentre outros símbolos comunistas que foram desvirtuados por parte da direita, como imagens de Marx e Guevara, o uso de foices e martelos, atributos largamente utilizados na propaganda antiesquerdista.

Como resultado, contando com o apoio do Congresso<sup>225</sup>; do STF<sup>227</sup>; inclusive do próprio poder executivo já que Michel Temer, na época, vice-presidente de Dilma, foi também um dos perpetradores do golpe<sup>228</sup>; da grande mídia; e de uma vasta massa social insuflada por sentimentos difusos e discursos generalizados voltados ao combate à esquerda e à corrupção, sustentado-se sob o pretexto de, com obtenção do afastamento da presidenta e de seu partido, melhorar a economia, aprovou-se, nesse período, um impeachment ilegítimo com base em denúncias manipuladas e erigido sobre abusos do sistema legal. Conforme Motta, o

<sup>223</sup> TORRES, op. cit., p. 174. apud CRESCE em dois anos o teor ideológico das manifestações públicas. Disponível em: <<https://ipco.org.br/ideologico-manifestacoes-brasil/>>. Acesso em: 14 jun. 2017.

<sup>224</sup> Ibid., 175.

<sup>225</sup> CÂMARA autoriza instauração de processo de impeachment de Dilma com 367 votos a favor e 137 contra. Disponível em: <<https://www.camara.leg.br/noticias/485947-camara-autoriza-instauracao-de-processo-de-impeachment-de-dilma-com-367-votos-a-favor-e-137-contr>>. Acesso em: 10 set. 2022.

<sup>226</sup> SENADO aprova impeachment de Dilma Rousseff. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/radio/1/noticia/2016/08/31/senado-aprova-impeachment-de-dilma-rousseff>>. Acesso em: 10 set. 2022.

<sup>227</sup> MINISTROS do STF dizem que impeachment de Dilma na Câmara não foi golpe. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/brasil/ministros-do-stf-dizem-que-impeachment-de-dilma-na-camara-nao-foi-golpe-19134087>>. Acesso em: 10 set. 2022.

<sup>228</sup> TEMER 'lutou de todas as maneiras' para derrubar Dilma, diz Cunha em livro. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2021/04/02/livro-eduardo-cunha---temer---impeachment.htm>>. Acesso em: 10 set. 2022.



modo como o impeachment foi realizado significou uma quebra da ordem, e “a quebra da ordem política sempre significa a abertura de um período de incertezas”<sup>229</sup>. Incertezas essas que assolam os próprios executores do golpe.

Em 31 de agosto, Michel Temer, do MDB (Movimento Democrático Brasileiro), após finalizado o processo de afastamento da presidenta, é empossado na Presidência da República<sup>230</sup>, permanecendo no cargo até o início de 2019, quando Jair Messias Bolsonaro, antisquerdista<sup>231</sup> e antipetista<sup>232</sup> ferrenho, assume.

Eleito com 57,8 milhões de votos<sup>233</sup>, Bolsonaro chegou para radicalizar a política anticomunista, plataforma eleitoral que levou muitos eleitores antipetistas a votarem em sua candidatura. Como ele mesmo disse ao assumir a presidência e no seu Plano de Governo, sua missão era salvar o Itamaraty de ditaduras “assassinas” e “comunistas”<sup>234</sup>.

---

<sup>229</sup> O golpe que devora seus filhos. MOTTA. Disponível em: <<https://projetocolabora.com.br/ods1/o-golpe-que-devora-seus-filhos/>>. Acesso em: 10 set. 2022.

<sup>230</sup> MICHEL Temer toma posse na Presidência da República. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2016/08/31/michel-temer-toma-posse-na-presidencia-da-republica>>. Acesso em: 10 set. 2022.

<sup>231</sup> BOLSONARO: ‘quem, depois dos 20, continua de esquerda é porque não tem cérebro’. Disponível em: <<https://www.otempo.com.br/politica/bolsonaro-quem-depois-dos-20-continua-de-esquerda-e-porque-nao-tem-cerebro-1.2704624>>. Acesso em: 20 ago. 2022.

<sup>232</sup> Referindo-se ao PT, na época em que ainda concorria às eleições, ‘enquanto discursava em um carro de som, o candidato (...) imitou um fuzilamento e disse querer ‘botar estes picaretas pra comer capim na Venezuela’. SET/2018: “Vamos fuzilar a petralhada”, diz Bolsonaro em campanha no Acre. Disponível em: <<https://exame.com/brasil/vamos-fuzilar-a-petralhada-diz-bolsonaro-em-campanha-no-acre/>>. Acesso em: 20 ago. 2022.

<sup>233</sup> JAIR Bolsonaro é eleito presidente com 57,8 milhões de votos. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/apuracao/presidente.ghml>>. Acesso em: 10 set. 2022.

<sup>234</sup> BOLSONARO, Jair. Plano de Governo - O Caminho da Prosperidade. Brasília: TSE, 2018. Disponível em: <[https://divulgacandcontas.tse.jus.br/candidaturas/oficial/2018/BR/BR/2022802018/280000614517/proposta\\_1534284632231.pdf](https://divulgacandcontas.tse.jus.br/candidaturas/oficial/2018/BR/BR/2022802018/280000614517/proposta_1534284632231.pdf)>. Acesso em: 20 jun. 2022.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O anticomunismo, através de suas matrizes (catolicismo, liberalismo e nacionalismo), foi responsável, no Brasil, pela execução de dois golpes de Estado, o primeiro teve um regime que perdurou de 1937 à 1945 e o segundo de 1964 à 1985. O antipetismo, em 2016, que permeia o anticomunismo e suas práticas, também contribuiu para o desenvolvimento de um golpe de Estado.

No que toca às semelhanças, a partir das fontes aqui analisadas, os periódicos do jornal *O Globo* e os artigos escritos por Rodrigo Constantino para a mesma empresa, tendo como reforço as imagens provenientes das manifestações ocorridas em 1964 e 2016, pode-se afirmar que o antipetismo bebe nas mesmas fontes do anticomunismo tradicional, pois sua argumentação conecta-se ao liberalismo, ao nacionalismo/patriotismo e ao cristianismo conservador.

O princípio liberal, no presente, apresenta fortes semelhanças quando comparado ao praticado na década de 60. Ele evoca o tópico da liberdade ameaçada pelo autoritarismo socialista, algo que, no passado, encontrava uma pontual base argumentativa, considerando a polarização em que o mundo se encontrava durante contexto da Guerra Fria, e o fato de que a ideologia comunista era representada por uma grande potência, a União Soviética, mas que, atualmente, não encontra fundamentos parecidos; Procura também, similarmente, defender as virtudes do mercado e do individualismo contra os “males da intervenção estatal”; O discurso de base nacionalista, hoje, recicla o perigo estrangeiro através das figuras do Foro de SP e dos bolivarianos, de modo que, em 64, este era representado por meio da URSS. Acerca das permanências, Cuba e Fidel Castro seguem relevantes no discurso da direita; No campo religioso, a recusa moral à esquerda também apresenta afinidades, porém sob uma nova liderança. Isto é, se, no discurso religioso da década de 60, os católicos conservadores dominavam as frentes das principais ações anticomunistas, os evangélicos de direita, atualmente, assumiram essas posições<sup>235</sup>. Acerca dessa mudança de foco no discurso religioso anticomunista ocorrida com o passar dos anos, Motta informa:

(...) enquanto as ameaças à moral que ferem a sensibilidade conservadora atual apresentam temas novos em relação aos contextos anteriores, quando a celeuma envolvia questões como o sexo fora do casamento, a pílula anticoncepcional e o divórcio, por exemplo. Hoje os conservadores se escandalizam com as demandas

---

<sup>235</sup> MOTTA, 2018, p. 19.

por igualdade de gênero e diversidade sexual (casamento gay, transexualidade etc).<sup>236</sup>

O anticomunismo brasileiro em 1964 obteve sucesso pela atuação da opinião pública, construída, em grande parte, pela ação da mídia. Considerando as rupturas e permanências socioculturais, podemos notar equivalências no antipetismo praticado em 2016. Conforme apresentado nesta pesquisa, ao considerar: o papel da mídia como principal janela de acesso aos acontecimentos políticos pelos cidadãos; a maneira como ela atua na desqualificação da política e dos políticos, de forma que, a partir do início dos anos 2000, esse foco de desqualificação passa a agir, especialmente, sobre o Partido dos Trabalhadores, estando presente, vigorosamente, em 2016, quando grupos midiáticos passaram a associar a culpa da crise econômica existente, de maneira sistemática, à gestão da presidenta Dilma Rousseff; e a criação de uma linguagem seletiva e específica, que atrela, quase que exclusivamente, a corrupção ao PT, favorecendo, assim, outros partidos; percebe-se elementos importantes para a compreensão do papel midiático, isto é, da grande mídia, uma das principais responsáveis pela difusão do golpe, na conformação do clima político brasileiro nos períodos estudados.

Paralelamente, no que se refere, em especial, ao antipetismo, a construção do ódio em torno de do partido está também fortemente vinculada a aversão às camadas populares, seja por sua origem<sup>237</sup>, seja por sua etnia (negros e indígenas), seja por sua classe social (estudantes de baixa renda vindos de escolas públicas), seja pelas medidas adotadas em relação aos segmentos excluídos da sociedade durante seus governos. Essa ojeriza foi conceitualmente explicada nesta pesquisa através do termo aporofobia, o medo e rejeição aos pobres.

O relacionamento direto dos governos petistas com os pobres no Brasil é um fator que parece incomodar profundamente os setores médios no país. As políticas de inserção das camadas populares em diversos setores sociais, empreendidas durante os 14 anos de duração dos governos de Lula e Dilma, despertou um grande incômodo dos setores conservadores do Brasil, tendo em vista que os setores médios se viram ameaçados pela perda de status. Por isso, o ódio ao partido, resume-se, em grande parte, no ódio ao popular.

No decorrer da pesquisa, avaliou-se que o antipetismo estaria relacionado, também, ao ódio às esquerdas, estando elas, na visão de grupos conservadores, intrinsecamente atreladas

---

<sup>236</sup> Ibidem.

<sup>237</sup> HISTÓRIA se repete e nordestinos são xingados devido à reeleição de Dilma Disponível em: <<https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/especiais/eleicoes-2014/2014/10/26/noticias-eleicoes-2014.454502/historia-se-repete-e-nordestinos-sao-xingados-devido-a-reeleicao-de-dilma.shtml>>. Acesso em: 10 set. 2022.

ao comunismo. Como a ameaça comunista parece ser ainda muito viva na memória do país, ela se apresenta readaptada na atualidade, sob a forma de antipetismo, o qual precisa ser igualmente combatido e exterminado. Uma das maneiras de isso ser feito é, novamente, pela degradação moral desse partido, considerado, em outros momentos históricos, um exemplo de ética da esquerda brasileira.

Portanto, entende-se que o antipetismo seria, segundo parte da visão conservadora direitista, um velho anticomunismo “disfarçado”. Porém, questiona-se: seria o PT um partido comunista? Conforme Torres, a resposta é “(...) não. Que comunismo é esse em que bancos têm lucros nunca antes vistos?”<sup>238239</sup>. Girelli complementa através de Ab’Sáber:

(...) o anticomunismo sobrevive magicamente no Brasil de hoje como uma espécie de imagem de desejo, para a grande simplificação interessada da política que ele de fato realiza. Ele mantém o discurso político em um polo muito tenso e extremo de negatividade à qualquer realização democrática ou popular de governo; ou melhor, ele é contra qualquer realização que desvie a posse imaginária do Estado de seus senhores, imaginários, de direito.<sup>240</sup>

Mas, afinal, por que afirmam que o PT é comunista?

A diminuição das desigualdades sociais faz com que essa classe alta e média indigne-se e qualquer diminuição de desigualdade (...) é vista como algo antinatural. Isso faz com que o PT seja apontado como aquele que quer transformar o Brasil num país de classe única em que todos fossem iguais, para o horror dos patrões.<sup>241</sup>

Acrescentando ao excerto e respondendo a pergunta, pode-se afirmar que o alinhamento do partido, desde sua concepção, ao espectro político de esquerda, sistematicamente atrelado pelos setores conservadores de direita ao comunismo, tradição que demonstra-se, ainda, bastante enraizada no Brasil; e o amparo oferecido pelo PT às camadas populares por meio de programas de distribuição de renda e políticas de inclusão social, que obtiveram como resultado a diminuição das desigualdades sociais<sup>242</sup>, equalizando, de forma

<sup>238</sup> BANCOS lucraram 8 vezes mais no governo de Lula do que no de FHC. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/economia/bancos-lucraram-8-vezes-mais-no-governo-de-lula-do-que-no-de-fhc/>>. Acesso em: 10 set. 2022.

<sup>239</sup> TORRES, 2017, p. 175.

<sup>240</sup> GIRELLI, L. S., 2018, p. 45.

<sup>241</sup> TORRES, op. cit., p. 175.

<sup>242</sup> LEI de Cotas ajudou a reduzir desigualdade no país, dizem especialistas. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/seminariosfolha/2022/03/lei-de-cotas-ajudou-a-reduzir-desigualdade-no-pais-dizem-especialistas.shtml>>. Acesso em: 10 set. 2022.

geral, ainda mais a condição social da população brasileira, resultado este que, conforme exposto por Torres no trecho acima, transformaria “o Brasil num país de classe única em que todos fossem iguais, para o horror dos patrões”<sup>243</sup>, são argumentos fortes sob o qual se embasa o ideal de que o Partido dos Trabalhadores é, absolutamente, um partido comunista.

Novamente, complementando Torres, Girelli informa:

(...) durante todos os governos petistas a mídia fez questão de reproduzir ideias do senso comum, com linguagem agressiva, sobre um possível comunismo desses governos, ainda que a inserção das massas populares no mercado de consumo e de trabalho, um dos principais legados petistas, seja uma realização pró-mercado, capitalista.<sup>244</sup>

Ao citar Ab’Sáber, a autora esclarece: “O anticomunismo é estratégia extremada – ancorada no arcaico liberalismo conservador brasileiro, com fumos de fidalguia, as famosas raízes do Brasil, de origem ibérica e escravocrata”. O ódio contra o PT remonta à velha tradição autoritária e oligárquica brasileira.<sup>245</sup>

Segundo Julius Hericky Hafemann Daltoé,

Antipetismo necessariamente é um fenômeno Anticomunista, mas o Anticomunismo não é um fenômeno dirigido apenas ao PT. Ou seja, é necessário que exista o Anticomunismo para existir o Antipetismo, mas não é preciso haver, especificamente, o Antipetismo para que haja o Anticomunismo.<sup>246</sup>

Isto é, por compartilharem de princípios semelhantes, edificados sobre discursos e ideais cristãos, liberais e nacionalistas, o antipetismo e o anticomunismo estão, estreitamente, relacionados. Assim, conclui-se, de acordo com o que foi exposto nesta pesquisa, que o antipetismo é, de fato, uma readaptação do anticomunismo tradicional.

---

<sup>243</sup> TORRES, op. cit., p. 175.

<sup>244</sup> GIRELLI, L. S., op. cit., p. 45.

<sup>245</sup> Ibidem.

<sup>246</sup> DALTOÉ, 2017, p. 79.

## REFERÊNCIAS

### FONTES

“Mobilização geral contra o comunismo” (editorial). *O Globo*, 26/02/64, p. 3.

*O Globo*, 09/03/64, p. 1.

*O Globo*, 18/03/1964. p. 1.

*O Globo*, 20/03/1964. p. 1.

*O Globo*, 20/03/1964, p. 10.

*O Globo*, 28/03/1964. Disponível em: < <https://gedm.ifes.ufrrj.br/upload/documentos/41.pdf>>. Acesso em: 29 jun. 2022.

*O Globo*, 02/04/1964 (editorial). p. 1.

CONSTANTINO, Rodrigo. **Os Comunistas quase venceram**. 2016. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/opiniaos/os-comunistas-quase-venceram-18777121>>. Acesso em: 12 jul. 2022.

CONSTANTINO, Rodrigo. **Acabou, PT!**. 2016. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/opiniaos/acabou-pt-18875964>>. Acesso em: 12 jul. 2022.

CONSTANTINO, Rodrigo. **O inimigo do Brasil**. 2016. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/opiniaos/o-inimigo-do-brasil-18586861>>. Acesso em: 12 jul. 2022.

CONSTANTINO, Rodrigo. **PANFLETO CONTRA O PNDH-3**. 2010. Instituto Millenium. Disponível em: <<https://www.institutomillenium.org.br/panfleto-contra-o-pndh-3-2/>>. Acesso em: 12 jul. 2022.

CONSTANTINO, Rodrigo. **Por que você deve ir na manifestação de domingo**. Disponível em: <<https://youtu.be/JhfmuTMN8Ck>>. Acesso em: 25 ago. 2022.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Constituição (1937). **Constituição dos Estados Unidos do Brasil, de 10 de Novembro de 1937**. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao37.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao37.htm)>. Acesso em: 25 jun. 2022.

BRASIL. **DECRETO Nº 7.037, DE 21 DE DEZEMBRO DE 2009**. Aprova o Programa Nacional de Direitos Humanos - PNDH-3 e dá outras providências. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2009/decreto/d7037.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/decreto/d7037.htm)>. Acesso em: 12 jul. 2022.

A CNV. **Comissão Nacional da Verdade**. Disponível em: <<http://cnv.memoriasreveladas.gov.br/institucional-acesso-informacao/a-cnv.html>>. Acesso em: 12 jul. 2022.

ALVIM, Daniel Horta. 2016. **Mobilizações contra a fome: 1978-1988**. Tese de Doutorado em História. Niterói.

AZEVEDO, Reinaldo. **O país dos petralhas**. 3 ed. Rio de Janeiro: Record, 2008.

BATISTA, A. C. **O anticomunismo brasileiro e a afirmação de um passado recomposto**. In: XI SEMANA DE HISTÓRIA UFES Golpes e Revoluções Utopia, Desilusão e Lutas Sociais, 2017, Vitória - ES. Anais da XI Semana de História UFES, 2017. Disponível em: <<https://periodicos.ufes.br/semanadehistoria/article/view/23089/15660#:~:text=O%20PT%2C%20Partido%20dos%20Trabalhadores,2003%20e%202016%20com%20dois>>. Acesso em: 25 jun. 2022.

BATISTA, A. C. **O golpe de 1964 em comparação com o impeachment de 2016 e a afirmação de um passado que não passa**. In: VI Congresso Internacional UFES/Paris-Est - Culturas políticas e conflitos sociais, 2017, Vitória - ES. Anais dos Encontros Internacionais

UFES/PARIS-EST, v. 1, 2017. Disponível em: <<https://periodicos.ufes.br/ufesupem/article/view/18039>>. Acesso em: 29 jun. 2022.

BIROLI, Flávia. **A mídia, a crise e o golpe**. Revista Dialética, Salvador, v. 8, ano 7, p. 30-34, mar. 2017.

BONET, Luciano. **Anticomunismo**. In: BOBBIO, Noberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Giafranco. **Dicionário de Política**. 11<sup>a</sup> ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998. Págs. 34-35. Disponível em: <[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2938561/mod\\_resource/content/1/BOBBIO.%20Dicion%C3%A1rio%20de%20pol%C3%ADtica.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2938561/mod_resource/content/1/BOBBIO.%20Dicion%C3%A1rio%20de%20pol%C3%ADtica.pdf)>. Acesso em: 20 jun. 2022.

BRASIL. **DECRETO Nº 7.037, DE 21 DE DEZEMBRO DE 2009**. Aprova o Programa Nacional de Direitos Humanos - PNDH-3 e dá outras providências. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2009/decreto/d7037.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/decreto/d7037.htm)>. Acesso em: 12 jul. 2022.

CORDEIRO, Janaína Martins. **A Marcha da Família com Deus pela liberdade em São Paulo: direitas, participação política e golpe no Brasil, 1964**. REVISTA DE HISTÓRIA, v. 180, p. 1 - 19, 2021. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rh/a/N3y4qtLG8XkgR3gKP9yvwBm/?lang=pt&format=pdf>>. Acesso em: 25 jun.2022.

DALTOÉ, Julius Hericky Hafemann. **Reinaldo Azevedo em Veja online: um intelectual a serviço da construção do antipetismo**. 2017. 175 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Marechal Cândido Rondon, 2017. Disponível em: <[https://tede.unioeste.br/bitstream/tede/3240/5/Julius\\_Daltoe\\_2017](https://tede.unioeste.br/bitstream/tede/3240/5/Julius_Daltoe_2017)>. Acesso em: 20 jun. 2022.

GIRELLI, L. S. . **Discursos contra Lula e o PT: expressões do ódio no cenário político brasileiro no pré-impeachment de Dilma Rousseff**. Idealogando: Revista de Ciências Sociais da UFPE, v. 2, p. 27-47, 2018. Disponível em: <<https://periodicos.ufpe.br/revistas/idealogando/article/view/237727>>. Acesso em: 20 ago. 2022.



GIRELLI, L. S. **Mídia e clima político no Brasil: os discursos de ódio no pré-impeachment de Dilma Rousseff**. SINAIS (UFES), v. 22, p. 158-178, 2018. Disponível em: <<https://periodicos.ufes.br/sinais/article/view/22893>>. Acesso em: 26 jun. 2022.

GOMES, W. S. **Sobre a transformação da política na era da comunicação de massa**. In: XIII Reunião Anual da Compós, 2004, São Bernardo. Anais do XIII Encontro Anual da Compós, 2004.

LIMA, Venício A. de. **A direita e os meios de comunicação**. In: CRUZ, Sebastião Velasco e, KAYSEL, André e CODAS, Gustavo (Org.). **Direita, volver! O retorno da direita e o ciclo político brasileiro**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2015, p. 91-113. Disponível em: <<https://bibliotecadigital.fpabramo.org.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/270/Direita-volver-Final.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 25 jun. 2022.

MARX, Karl; ENGELS, FRIEDERICH. **Manifesto do Partido Comunista**. Petrópolis: Vozes. 1993.

MIGUEL, L. F. . **O colapso da democracia no Brasil: da Constituição ao golpe de 2016**. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular; Fundação Rosa Luxemburgo, 2019. v. 1. 216 p.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **Anticomunismo e Antipetismo na Atual Onda Direitista**. 2018. Disponível em: <[https://www.academia.edu/37518793/ANTICOMUNISMO\\_E\\_ANTIPETISMO\\_NA\\_ATUAL\\_ONDA\\_DIREITISTA](https://www.academia.edu/37518793/ANTICOMUNISMO_E_ANTIPETISMO_NA_ATUAL_ONDA_DIREITISTA)>. Acesso em: 25 jun. 2022.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **EM GUARDA CONTRA O PERIGO VERMELHO: O ANTICOMUNISMO NO BRASIL (1917-1964)**. Tese (Doutorado em História Econômica) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP. São Paulo, 2000. Disponível em: <[https://www.academia.edu/12851483/EM\\_GUARDA\\_CONTRA\\_O\\_PERIGO\\_VERMELHO\\_O\\_ANTICOMUNISMO\\_NO\\_BRASIL\\_1917\\_1964](https://www.academia.edu/12851483/EM_GUARDA_CONTRA_O_PERIGO_VERMELHO_O_ANTICOMUNISMO_NO_BRASIL_1917_1964)>. Acesso em: 21 jun. 2022.

NAVARRO, Emilio Martínez. **Aporofobia**. In: Jesús Conill (Coord.): **Glosario para una sociedad intercultural**. Valencia, Bancaja, 2002.

REIS FILHO, Daniel Aarão. **O colapso do colapso do populismo ou a propósito de uma herança maldita**. In: FERREIRA, Jorge (Org.). **O populismo e sua história: debate e crítica**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001, p. 319- 377.

RODEGHERO, C. S. **Religião e patriotismo: o anticomunismo católico nos Estados Unidos e no Brasil no anos da Guerra Fria**. Revista Brasileira de História, São Paulo, v. 22, n. 44, 2022, p. 463 - 487. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/94409/000386866.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 27 jun. 2022.

RODEGHERO, Carla Simone. **O Diabo é Vermelho: Imaginário Anticomunista e Igreja Católica no Rio Grande do Sul (1945-1964)**. Porto Alegre: Editora UPF, 2003.

SILVA, Camila Gonçalves. **O imaginário anticomunista católico no Rio Grande do Sul 1945-1964**. In: Revista de História, Juiz de Fora, v. 19, n. 02, p. 295-299, 2013. Disponível em: <<https://periodicos.ufjf.br/index.php/locus/article/download/20748/11127/82624>>. Acesso em: 27 jun. 2022.

SILVA, Carla Luciana. **Anticomunismo brasileiro: conceitos e historiografia**. Tempos Históricos (EDUNIOESTE) , Marechal Candido Rondon, v. 2, n.1, p. 195-228, 2000.

SILVA, Carla Luciana. **Onda vermelha: imaginários anticomunistas brasileiros (1931-1934)**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

SILVEIRA, Sérgio Amadeu da. **Direita nas redes sociais online**. In: CRUZ, Sebastião Velasco; KAYSEL, André; CODAS, Gustavo (Org.). **Direita, volver! O retorno da direita e o ciclo político brasileiro**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2015. Disponível em: <<https://bibliotecadigital.fpabramo.org.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/270/Direita-volver-Final.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 25 jun. 2022.

TORRES, Mateus Gamba. **Duas Marchas, um objetivo: Os movimentos golpistas de 1964 e 2016 em imagens.** RELIGACIÓN: REVISTA DE CIENCIAS SOCIALES Y HUMANIDADES, v. 2, p. 161-180, 2017. Disponível em: <<https://core.ac.uk/download/pdf/305104347.pdf>>. Acesso em: 09 ago. 2022.

TORRES, Mateus Gamba. **O Golpe de Estado no Brasil de 2016 nos Editoriais do Jornal O Globo.** In: Lorena Soler; Charles Quevedo; Alfredo Falero. (Org.). Intelectuales, democracia y derechas. 1ed. Buenos Aires: El Colectivo, 2020, v. 1, p. 181-2020.

VALIM, Alexandre Busko. **Das grandes ondas aos grandes diques.** Niterói - RJ: Tempo - Revista do Departamento de História da UFF, 2005 (Resenha). Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/tem/a/xBRsDhbWtRSfhDvfvh8vFRd/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 27 jun. 2022.